

# Eu

Augusto dos Anjos  
Fabiano Calixto (Organização e introdução)

## Resumo

Your summary.

## Conteúdo

<b>introdução</b>	<b>3</b>
Augusto dos demônios ou Apocalipsis litteris . . . . .	3
Foi este mundo que me fez tão triste ou Uma anedota . . .	4
O horror no rosto impresso ou O Criador . . . . .	5
Cantar de preferência o Horrível! ou A criatura . . . . .	8
Nota sobre a edição . . . . .	30
<b>Eu</b>	<b>32</b>
<b>Monólogo de uma sombra</b>	<b>32</b>
<b>Agonia de um filósofo</b>	<b>35</b>
<b>O morcego</b>	<b>36</b>
<b>Psicologia de um vencido</b>	<b>36</b>
<b>A ideia</b>	<b>36</b>
<b>O lázaro da pátria</b>	<b>37</b>
<b>Idealização da humanidade futura</b>	<b>37</b>
<b>Soneto</b>	<b>37</b>
<b>Versos a um cão</b>	<b>38</b>
<b>O deus-verme</b>	<b>38</b>
<b>Debaixo do tamarindo</b>	<b>38</b>

<b>As cismas do destino</b>	<b>39</b>
<b>Budismo moderno</b>	<b>47</b>
<b>Sonho de um monista</b>	<b>47</b>
<b>Solitário</b>	<b>48</b>
<b><i>Mater originalis</i></b>	<b>48</b>
<b>O lupanar</b>	<b>48</b>
<b>Idealismo</b>	<b>49</b>
<b>Último credo</b>	<b>49</b>
<b>O caixão fantástico</b>	<b>49</b>
<b>Solilóquio de um visionário</b>	<b>50</b>
<b>A um carneiro morto</b>	<b>50</b>
<b>Vozes da morte</b>	<b>50</b>
<b>Insânia de um simples</b>	<b>51</b>
<b>Os doentes</b>	<b>51</b>
<b>Asa de corvo</b>	<b>60</b>
<b>Uma noite no Cairo</b>	<b>60</b>
<b>O martírio do artista</b>	<b>61</b>
<b>Duas estrofes</b>	<b>61</b>
<b>O mar, a escada e o homem</b>	<b>61</b>
<b>Decadência</b>	<b>62</b>
<b><i>Ricordanza della mia gioventù</i></b>	<b>62</b>
<b>A um mascarado</b>	<b>62</b>
<b>Vozes de um túmulo</b>	<b>63</b>
<b>Contrastes</b>	<b>63</b>
<b>Gemidos de arte</b>	<b>64</b>

<b>Versos de amor</b>	<b>67</b>
<b>Sonetos</b>	<b>68</b>
<b>Depois da orgia</b>	<b>69</b>
<b>A árvore da serra</b>	<b>69</b>
<b>Vencido</b>	<b>70</b>
<b>O corrupção</b>	<b>70</b>
<b>Noite de um visionário</b>	<b>70</b>
<b>Alucinação à beira-mar</b>	<b>72</b>
<b>Vandalismo</b>	<b>72</b>
<b>Versos íntimos</b>	<b>72</b>
<b>Vencedor</b>	<b>73</b>
<b>A ilha de Cipango</b>	<b>73</b>
<b><i>Mater</i></b>	<b>75</b>
<b>Poema negro</b>	<b>75</b>
<b>Eterna mágoa</b>	<b>77</b>
<b>Queixas noturnas</b>	<b>78</b>
<b>Insônia</b>	<b>79</b>
<b>Barcarola</b>	<b>80</b>
<b>Tristezas de um quarto minguante</b>	<b>82</b>
<b>Mistérios de um fósforo</b>	<b>84</b>

## **introdução**

### **Augusto dos demônios ou Apocalipsis litteris**

— *Et pourtant vous serez semblable à cette ordure,  
A cette horrible infection*

Charles Baudelaire

*Maggots and grubs bore into the mouldy remains*

Carcass

## **Foi este mundo que me fez tão triste ou Uma anedota**

Contam os historiadores da literatura brasileira que, num dia perdido do ano de 1914, Órris Soares e Heitor Lima caminhavam pela avenida Central (atual avenida Rio Branco), no Rio de Janeiro. Passando pela porta da Casa Lopes Fernandes, viram o “Príncipe dos Poetas Brasileiros”, vulgar e humanamente conhecido como Olavo Bilac, e resolveram parar para dois dedos de prosa. Ao notá-los com ar de tristeza, o poeta parnasiano perguntou o que havia acontecido. Os dois sujeitos então noticiaram a morte recentíssima de um grande poeta.

— Quem? — perguntou o membro da corte do sorriso da sociedade.

— Augusto dos Anjos — responderam os dois camaradas.

— Grande poeta? Nunca ouvi falar! — retrucou Bilac, com o tático desprezo dos medíocres ilustrados.

Os dois amigos ficaram espantados, e Bilac, então, indagou:

— Sabem algum poema dele?

Heitor Lima, então, recitou o soneto “Versos a um coveiro”:

Numerar sepulturas e carneiros,  
Reduzir carnes podres a algarismos,  
Tal é, sem complicados silogismos,  
A aritmética hedionda dos coveiros!

Um, dois, três, quatro, cinco... Esoterismos  
Da morte! E eu vejo, em fúlgidos letreiros,  
Na progressão dos números inteiros  
A gênese de todos os abismos!

Oh! Pitágoras da última aritmética,  
Continua a contar na paz ascética  
Dos tábidos carneiros sepulcrais

Tíbias, cérebros, crânios, rádios e úmeros,  
Porque, infinita como os próprios números,  
A tua conta não acaba mais!<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Esse poema consta da segunda edição do *Eu*, publicada pela Imprensa Oficial da Paraíba em 1920, graças ao esforço de Órris Soares, amigo do poeta. Nesta segunda edição foram acrescentados mais de quarenta poemas escritos entre os anos de 1912 e 1914.

— Era este o poeta? — questionou o parnasiano, com o desdém doirado de quem ouve estrelas, e completou: — Ah, então, fez bem em morrer. Não se perdeu grande coisa... E saiu andando, todo pimpão, com seu bom gosto sorridente — talvez bolando alguma engenhosa trova publicitária para o xarope Bromil —, desfilando seu indefectível e engomado bigode. Jamais imaginaria que aquele jovem poeta morto legaria um dos conjuntos de poesia mais fortes de toda a história da literatura em língua portuguesa.

### **O horror no rosto impresso ou O Criador**

No dia 20 de abril de 1884, perto da Vila do Espírito Santo, ou, mais precisamente, no Engenho do Pau d'Arco, no interior da Paraíba, nasce Augusto Carvalho Rodrigues dos Anjos, o sujeito que irá infernizar a poesia brasileira ali no começo do século seguinte. Augusto é filho do bacharel Alexandre Rodrigues dos Anjos e de Dona Córdula Carvalho Rodrigues dos Anjos. O casal teve outros vários filhos, mas apenas um ao gosto dos anjos e demônios, o Augusto. Quando chega o ano de 1900, o jovem Augusto entra no Liceu Paraibano e lá estuda humanidades — seu aprendizado será complementado pelas orientações de leitura de seu pai. É considerado pelos professores do Liceu um aluno brilhante. Não deixa por menos e, no ano seguinte, com apenas dezessete anos de idade, entre uma soneta e outra à sombra do tamarindo, escreve seus primeiros poemas e começa a publicá-los no jornal *O Comércio*. Continua compondo poemas como em toda grande adolescência. Em 1903, o jovem poeta se matricula na Faculdade de Direito do Recife. E em suas perambulações pela agitada faculdade conhece Órris Soares e Gilberto Amado e toma contato com as ideias que espocavam por ali. Sua formação se dá sob o influxo das teorias positivistas que circulavam na Escola do Recife — movimento cultural surgido na capital pernambucana na segunda metade do século XIX, cujas inovações intelectuais viriam, principalmente, das ideias de Tobias Barreto.<sup>2</sup> Neste ambiente, Augusto dos Anjos toma contato com a obra materialista e evolucionista de filósofos que faziam parte do seu repertório pessoal — entre eles, Auguste Comte, Ernst Haeckel, Charles Darwin e Herbert Spencer. As sabichonas ideias desses filósofos serviam de explicação para Deus e tudo no mundo e, lustradas por um deslumbramento ingênuo dos pensadores locais, eram aplicadas à solução de impasses da vida social, entendidos como efeitos de “causas biológicas fatais e

---

<sup>2</sup>Tobias Barreto (1839-1889) foi um intelectual sergipano de destaque na segunda metade do século XIX. Escreveu poemas, textos filosóficos e jurídicos e crítica literária. Integrou a Escola do Recife, onde era considerado um mestre pelos discípulos (entre eles, Sílvio Romero e Graça Aranha). É patrono da cadeira 38 da Academia Brasileira de Letras.

incontornáveis, até os problemas sociais, jurídicos e psicológicos”,<sup>3</sup> redundando num repulsivo racismo cientificista. O poeta, claro, não cai nessa e usa todo o circo cientificista a seu favor, valendo-se dos termos duros como vírus em sua obra, como instrumentos de questionamento tanto da vida social do país quanto do cientificismo mesmo. Dois anos antes de se formar, uma desgraça acontece em sua vida: em 13 de janeiro de 1905, seu pai morre. Com o luto ainda lancinante, escreve uma trinca de sonetos que a posteridade faria célebre e a publica no jornal *O Comércio*.<sup>4</sup> Ainda em 1905, o poeta começa a publicar regularmente, e no mesmo jornal, textos em prosa na sua coluna “Crônica Paudarquense”. Os tempos são de dureza e em 1907, ano em que se torna bacharel em Direito, vendo-se na pindaíba, coloca anúncios nos jornais do Estado para dar aulas de humanidades. No ano seguinte, escrevendo poemas e mais poemas, tentando sobreviver às agruras deste país, é nomeado professor de Literatura interino no Liceu Paraibano. A vida vai, entre notícias de troca-troca presidencial e os sóis sem sombra do país. Casa-se em 1910 com Ester Fialho. Após desentendimentos com o então governador João Machado, desliga-se do Liceu. Por conta de problemas financeiros, a família se vê obrigada a vender o Engenho do Pau d’Arco. Sai da Paraíba rumo ao Rio de Janeiro, onde chega com a esposa em outubro de 1910. Aos 26 anos, fora de seu lugar, batalha muito para conseguir emprego e alguma pecúnia para sustentar a família. Em 1911, outra tragédia desaba sobre o poeta: sua esposa perde o bebê que gestava. Começa a dar aulas de Geografia na Escola Normal e também no Colégio Pedro II, onde substitui o professor e político, também paraibano, João Coelho Lisboa, que muito o ajuda nos tempos de penúria. Em novembro daquele ano nasce sua primogênita Glória. Chega 1912 e com ele o primeiro livro de Augusto dos Anjos é publicado no Rio de Janeiro, no mês de junho. O livro chama-se *Eu*. A crítica, como sempre enferma de seu anacronismo crônico e espantada com a força estranha do livro, lhe dá quase nenhuma atenção. O ano de 1913 continua a germinar agruras monetárias na família Dos Anjos. Sem dinheiro e sem emprego fixo, sua situação financeira se mantém deplorável — desde a chegada da família ao Rio, mudam mais de dez vezes de endereço, morando aqui e ali, nas piores espeluncas da praça.<sup>5</sup>

<sup>3</sup>Sérgio Alcides, “Augusto dos Anjos e o *Eu* universal”. In: Augusto dos Anjos. *Eu e Outras poesias*. São Paulo: Ática, 2005, p. 16.

<sup>4</sup>O poeta jamais imaginara que muito depois de sua morte, no ano da graça de 1973, um compositor capixaba, portador da mesma corrente sanguínea, comporia uma belíssima canção que dialoga diretamente com o terceiro soneto de sua trinca. O compositor é Sérgio Sampaio e a canção é “Pobre meu pai”.

<sup>5</sup>No momento em que publica *Eu* a situação do poeta era a seguinte: “28 anos de idade, forasteiro, tentando impor-se, mas sem muito sucesso, e passando apertados com a família. No agitado meio literário do Rio de Janeiro, era um peixe fora d’água”. Cf. Alcides, op. cit., p. 10.

No mês de junho, um ano após a publicação de seu poemário de estreia, nasce seu filho Guilherme. Em julho de 1914, com auxílio de um familiar, o poeta é nomeado diretor do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira, no município de Leopoldina, interior do Estado de Minas Gerais. Poucos meses depois, tendo encontrado alguma paz de espírito e renda estável para cuidar dos seus, o destino destila-lhe uma ironia e o poeta, cansado, adoece gravemente no final de outubro e, em 12 de novembro, Augusto dos Anjos morre em consequência de pneumonia, aos 31 anos de idade. Segundo consta, já muito debilitado, mas juntando as derradeiras heroicas forças, dita, no dia anterior à morte, “O último soneto”, que é publicado na *Gazeta de Leopoldina* no dia 13 de novembro.

Hora da minha morte. Hirta, ao meu lado,  
A Ideia estertorava-se... No fundo  
Do meu entendimento moribundo  
Jazia o Último Número cansado.

Era de vê-lo, imóvel, resignado,  
Tragicamente de si mesmo oriundo,  
Fora da sucessão, estranho ao mundo,  
Com o reflexo fúnebre do Incriado:

Bradei: — Que fazes ainda no meu crânio?  
E o Último Número, atro e subterrâneo,  
Parecia dizer-me: ‘É tarde, amigo!

Pois que a minha autogênica Grandeza  
Nunca vibrou em tua língua presa,  
Não te abandono mais! Morro contigo!’

Pouco depois, eclode a Primeira Guerra Mundial. Seis anos após a morte do poeta, em 1920, seu amigo Órris Soares, ocupando o cargo de Secretário de Estado, publica, através da Imprensa Oficial do Estado da Paraíba, a segunda edição do *Eu* — acrescida de mais de quarenta poemas inéditos. Em 1928 é lançada uma terceira edição de sua poesia pela Livraria Castilho, do Rio de Janeiro. Nesta edição já está estampado o título que percorreria todas as outras edições do livro: *Eu e Outras poesias*. Dali em diante, sua obra terá uma enorme recepção popular (fato raríssimo nas letras nacionais), gerando sucessivas edições. O respeito por parte da crítica viria depois do sucesso popular — Ferreira Gullar afirma espirituosamente que “não foi a crítica que descobriu Augusto; foi Augusto que ‘descobriu’ a crítica”.<sup>6</sup> O sanguíneo Augusto operou uma sangria na poesia de seu tempo. Destoou, por determinar uma escrita da coragem para si, e por isso

<sup>6</sup>Ferreira Gullar, “Augusto dos Anjos ou Vida e morte nordestina”. In: Augusto dos Anjos. *Toda a poesia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 29.

permanece entre os poetas mais importantes de todos os tempos — e não só da língua portuguesa.<sup>7</sup>

### **Cantar de preferência o Horrível! ou A criatura**

Perto de completar o centenário de publicação (em 2012), *Eu* continua sendo uma das obras-primas máximas da poesia em língua portuguesa. É um daqueles livros cuja leitura, como diria o leitor Carlos Drummond de Andrade, é “um soco na cara”. Impossível sentir-se indiferente aos poemas desse sinistro e *gore* poeta paraibano.

O livro foi publicado em 1912, em edição independente financiada pelo próprio autor e por seu irmão, Odilon dos Anjos. Em suas páginas figuram 58 poemas — 58 peças que desconcertariam a crítica de seu tempo.

Augusto residia, quando da publicação do *Eu*, no Rio de Janeiro, mas o livro passou despercebido pelo ambiente literário carioca (e brasileiro) à época — que fruía a literatura como simples entretenimento, como um “sorriso da sociedade” (numa expressão de Afrânio Peixoto), e, obviamente, não teria como entender a voz gutural que desentranhava de tal poesia. No poema “Os doentes”, Augusto parecia projetar essa decadência: “A doença era geral, tudo a extenuar-se / Estava”.

Octavio Brandão, no periódico libertário *A Plebe*, escreve que os poetas (partículas integrantes da entidade parasita que Brandão chamava de “intelectual indígena”) apenas nutriam seu acomodado mundo burguês, blindando-se com o próprio conforto, e se aglomeravam nos cafés, “se babavam, enlevados, em discussões intermináveis sobre as futilidades da Forma, sobre as torturas do Metro, enquanto lá embaixo, na cansada Europa, as revoluções rebentavam furiosas”. As preocupações históricas passavam ao largo dos poetas que, ainda segundo Brandão, sonhavam nas “torres de luar, burilando frases preciosas, sonoros períodos”, que cantavam “sofrimentos inventados, amores inexistentes, dores imaginárias” e que viviam “no mundo vazio das ilusões”.<sup>8</sup>

Mesmo depois, na fase do modernismo heroico, a poesia de Augusto dos Anjos seria desprezada. Otto Maria Carpeaux aponta que “até durante a fase modernista da literatura brasileira, os versos de Augusto dos Anjos passaram por exemplos de mau gosto de uma época superada”.

---

<sup>7</sup>João Cabral de Melo Neto, em seu belíssimo poema “O sim contra o sim” (em que fala de poetas do quilate de Marianne Moore, Francis Ponge e Cesário Verde), escreve uma incisiva homenagem ao autor do *Eu*.

<sup>8</sup>Cf. Antonio Arnoni Prado e Francisco Foot Hardman, Introdução, em *Contos anarquistas*, edição organizada pelos mesmos (São Paulo: Brasiliense, 1985).



Quer dizer, em tal circunstância histórica, a poesia do paraibano não era compreendida nem pelos adeptos da estética parnasiana (a “arte-arteriosclerose”, como foi chamada pelo grupo libertário *Renovação*), nem pela vanguarda estética que se estava germinando naquelas primeiras décadas do século passado.<sup>9</sup>

*Eu surge*, portanto, numa ambiência literária e política difícil, tomada pela futilidade e pelo baile de máscaras de uma sociedade que macaqueava valores europeus e fechava os olhos a tudo que não fosse do mais alto “bom gosto”.

O livro abre-se com o extraordinário “Monólogo de uma sombra”, poema que, com seus 186 versos divididos em 31 sextilhas, desponta como uma espécie de sùmula<sup>10</sup> de todo o conjunto, apresentando um denso nihilismo crítico, de base schopenhaueriana:<sup>11</sup>

Sou uma Sombra! Venho de outras eras,  
Do cosmopolitismo das moneras...  
Pólipo de recônditas reentrâncias,  
Larva de caos telúrico, procedo  
Da escuridão do cósmico segredo,  
Da substância de todas as substâncias!

Como aponta Sérgio Alcides, na edição que preparou em 2005, num “livro cujo título é um pronome pessoal (*Eu*), a primeira palavra do primeiro poema é um verbo conjugado na pessoa correspondente: ‘sou’ ”.<sup>12</sup> Quer dizer, dentre os múltiplos epítetos encontráveis no volume, o enunciador primeiro nos mostra aquele que provavelmente o definirá melhor: *eu sou uma sombra*. Esta sombra, conhecedora das tragédias metafísicas da existência cósmica, vem das origens longínquas da eternidade, destila a dúvida e aposta “na simbiose das coisas” para a possibilidade de equilíbrio e no “metafisicismo de Abidharma” (o budismo), como ferramenta de compreensão da dor. Enunciadora da “podridão” que lhe “serve de Evangelho”, logo afirma sua solidariedade por tudo aquilo que sofre:

E trago, sem bramânicas tesouras,  
Como um dorso de azêmola passiva,  
A solidariedade subjetiva  
De todas as espécies sofredoras.

<sup>9</sup>Curioso notar, entretanto, que intelectuais anarquistas (a vanguarda política) o admiravam. José Otílica, por exemplo, escreveu, em 1920, que: “Poucos o compreenderão hoje. No futuro será, sem possível dúvida, o mais assinalado poeta brasileiro de seu tempo!”.

<sup>10</sup>Como já foi observado por José Paulo Paes em seu importante ensaio “Augusto dos Anjos ou O evolucionismo às avessas”.

<sup>11</sup>Anatol Rosenfeld afirma que a influência de Schopenhauer é mais profunda na obra de Augusto dos Anjos que a de Haeckel ou Spencer.

<sup>12</sup>Alcides, op. cit., p. 49

Com um humor proparoxítono que opera a autópsia da desventura existencial e nela encontra “um cancro assíduo na consciência” e “três manchas de sangue” na camisa que lhe veste, paira acima dos “mundanos tetos” e mostra seu “nojo à Natureza Humana”. Esse humor, negro, é um riso amargo, que tenta dar consciência à hipotética “propriedade do carbono” que é o horror, e através dele dar voz ao outro, ao que sofre. E este “outro” é um complexo que abraça o micro e o macro<sup>13</sup> — já que desintegrada a subjetividade, cortada a “singularíssima pessoa”, funda-se essa metafísica lírica que integra o Eu e o Cosmos.<sup>14</sup> E o sofrimento não é lateral, mas universal, a um e outro que, na verdade, são *uno*. O todo-total que sofre. Daí a solidariedade como uma instância de resistência, uma cavidade utópica no apocalíptico caminhar dessa “canção da Natureza exausta”.

Ao mesmo tempo que reconhece a misteriosa mônada (e, por conseguinte, toda a parafernália do evolucionismo biológico pregado por Haeckel), a sombra enunciadora destila seu desdém pela filosofia moderna, representada pelo Filósofo Moderno:

Aí vem sujo, a coçar chagas plebeias,  
Trazendo no deserto das ideias  
O desespero endêmico do inferno,  
Com a cara hirta, tatuada de fuligens  
Esse mineiro doido das origens,  
Que se chama o Filósofo Moderno!

Então, mesmo coagulada de termos científico-filosóficos, estes são uma endemia no “deserto das ideias” do “mineiro doido das origens” e funcionam, no conjunto da obra, como virais, anulando o discurso científico-filosófico através do escárnio. E, como virais espalhados numa “orquestra arrepiadora do sarcasmo” imersa na “podridão do sangue humano”, geram o riso e o espanto que guiam essa escritura repleta de uma macabra mística da putrefação — termos *trash* dentro das composições com os quais a sombra (em sua “vida anônima de larva”) pontua um desbocado misticismo em constante mutação.

Essa característica demonstra a falta de lugar dessa poesia naquele ambiente literário, o que levaria, inclusive, o livro “a ter sido incorporado à biblioteca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro”,<sup>15</sup> mostrando a dificuldade de classificação dessa furiosa poética.

Anatol Rosenfeld, num dos mais lúcidos ensaios sobre o “poeta do hediondo”, destaca a sedução erótica que os termos científicos exercem

<sup>13</sup>José Paulo Paes, em já referido ensaio, diz que “a animização do universo, desde a microscopia da monera à telescopia das forças cósmicas, é característica do Eu”.

<sup>14</sup>Paes, op. cit., pp. 9-10.

<sup>15</sup>Antonio Arnoni Prado, “Um fantasma na noite dos vencidos”. In: Anjos, Augusto dos. *Eu e Outras poesias*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 43.

sobre o autor, e relata a ligação desta característica com ocorrências semelhantes no expressionismo alemão.<sup>16</sup> Aponta, principalmente, a ligação entre a poética de Augusto dos Anjos e a de Gottfried Benn:

Em conexão com a terminologia clínico-científica — que, sem ser monopólio desses dois poetas, é por eles usada com insistência excepcional — surge em ambos os casos o que se poderia chamar uma poesia de necrotério na qual se disseca e desmonta ‘a glória da criação, o porco, o homem’ (Benn), o ‘filho do carbono e do amoníaco’ (Augusto).<sup>17</sup>

A poesia de ambos os poetas destrói as esperadas leituras de seu tempo na tentativa desesperada de criar outro ambiente habitável e outra roupagem sonora e semântica, exigindo outros modos de travessia de leitura, questionando a todo momento seu chão e relendo o mundo pela chave da putrefação.

Assim, como exemplo da aproximação feita por Rosenfeld, o poema “Homem e mulher passeiam no Pavilhão do Câncer”, de Benn:

Nesta fila aqui estão os ventres apodrecidos  
e nesta está o peito apodrecido.  
Lado a lado camas malcheirosas.<sup>18</sup>

Um fragmento do “Monólogo de uma sombra”, do poeta paraibano:<sup>19</sup>

É uma trágica festa emocionante!  
A bacteriologia inventariante  
Toma conta do corpo que apodrece...  
E até os membros da família engulham,  
Vendo as larvas malignas que se embrulham  
No cadáver malsão, fazendo um s.

A podridão e a consciência da mesma (numa esfera existencial e política) é que fornece energia crítica a estes poemas. É uma leitura de mundo pela base, onde mais fede. Bate-se onde mais dói.

Há a instância sem remédio dos conflitos básicos (a contradição sujeito/mundo), que proporciona à poesia de Augusto dos Anjos uma intensa tensão, sem a menor chance de cura ou mesmo alívio, já que,

<sup>16</sup>Dentre as tentativas de classificação da obra de Augusto dos Anjos, creio que a aproximação ao expressionismo alemão seja a mais instigante — mesmo com todo o abismo de fatores que diferencia as poéticas em questão, como, aliás, Rosenfeld também aponta.

<sup>17</sup>Anatol Rosenfeld, “A costela de prata de A. dos Anjos”. In: Rosenfeld, Anatol. *Texto/Contexto* i. São Paulo: Perspectiva, 1996, pp. 264-265.

<sup>18</sup>Tradução Claudia Cavalcanti, *Poesia expressionista alemã — Uma antologia*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

<sup>19</sup>É bom salientar que não teria sido possível qualquer contato de Augusto dos Anjos com a obra dos autores do expressionismo alemão.

alimentando a melancolia, os “anúncios das casas de comércio” nada mais são que o epitáfio do poeta. A civilização é hostil e a pena por nela viver é ter a morte escancarada e já feita produto comercial, que transforma toda a experiência histórica em cadáveres novos, em *fast-food* para vermes. O homem é um desamparado na irreparável decomposição universal. Alfredo Bosi assinala que:

a postura existencial do poeta lembra o inverso do cientismo: uma angústia funda, letal, ante a fatalidade que arrasta toda carne para a decomposição. E já não será lícito falar em Spencer ou em Haecel para definir a sua cosmovisão, mas no alto pessimismo de Arthur Schopenhauer, que identifica na vontade-de-viver a raiz de todas as dores. Fundem-se a visão cósmica e o desespero radical produzindo esta poesia violenta e nova em língua portuguesa.<sup>20</sup>

A obra de Augusto dos Anjos é paradoxal e daí um dos muitos elementos de sua vitalidade. Uma visão de mundo científica articulada, ao mesmo tempo, a um delírio imaginativo como ferramenta de compreensão da realidade em putrefação na qual o poeta habita: corpos em decomposição, mutilados, recheados de vermes, que emitem o odor desagradável do fracasso histórico da civilização ocidental.

Já classificada de muitas maneiras<sup>21</sup> — sina das obras que desconcertam os parâmetros de recepção —, esta poesia desbanca leituras superficiais, pois se mostra, no âmago, independente. Então, uma hora parnasiano, noutra simbolista, com resquícios de um tardo-romantismo aqui, mais um pré-modernista ali, e por aí vai — num caldeirão de bobagens, pois vistas de perto nenhuma dessas classificações se ajusta à poesia em questão. O poeta, caminhante de seu tempo, mas sempre de olhos abertos a outras perspectivas poéticas, lança mão, sim, de artifícios tanto parnasianos quanto simbolistas, sem, porém, se render a nenhuma das duas escolas. Ao contrário, infecta-os com a música terrificante de seu niilismo *gore*.

Carpeaux fala, creio que acertadamente, da influência de Charles Baudelaire e Cesário Verde. Sérgio Alcides aponta para uma mistura nova da “objetividade dos parnasianos com o subjetivismo dos simbolistas”.<sup>22</sup> Acrescentaria ainda, para engrossar o caldo e dar mais sabor

<sup>20</sup> Alfredo Bosi, *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1974, pp. 322-323.

<sup>21</sup> Muitas vezes é chamada de poesia científicista, mas não o vejo assim. Dentre os poetas científicistas que as histórias literárias cobrem, não vejo nenhum que mantenha o arco teso e arque com as consequências estéticas dentro do parâmetro ético — aquilo que Haroldo de Campos chama de “a plena consciência de seu *métier* e de sua peripécia histórica”. Acredito que toda a tara científica em Augusto dos Anjos era uma maneira de desestabilizar dogmas e ideias feitas, funcionando como uma feroz crítica a um e a outro lado da questão. Só para constar, Silvio Romero, Martins Júnior e Rocha Lima foram alguns dos defensores da poesia científica no Brasil.

<sup>22</sup> Sérgio Alcides, “Augusto dos Anjos e o *Eu* universal”, op. cit., p. 13.

à soberba sopa, a moderna gargalhada *gore* de sua escrita sobre as pitadas parnasianas ou simbolistas. A poesia do *Eu* nasce a partir de uma necessidade de reflexão sobre o sujeito e o mundo e traz para si instrumentos à mão e com os quais fará a autópsia do seu momento histórico. Não sem duvidar o tempo todo destes instrumentos, desfigurando-os e questionando-os, fornecendo assim tensão constante à sua poética. O lugar da poesia de Augusto dos Anjos, na cena brasileira, é o impossível.

O que, de fato, podemos sinalizar nesta poesia é sua violência, sua novidade e sua consciência de modernidade. Uma poesia que, desde a primeira leitura, mostra-se impactante. É uma poética que se mostra como deboche à oficialidade dos donos do vernáculo e do “sorriso da sociedade”, tornando-se, deste modo, uma contrapoética. Sua estrutura é similar,<sup>23</sup> porém paródica em relação à literatura. Há uma hesitação formal nas peças do *Eu*: à rigidez do decassílabo e à temática metafísica (da vida e da morte), características que compunham aquilo conhecido como “poesia lírica” ou “poesia poética” (ou, ainda, parnasianismo), se contrapõem as violentas e antipoéticas imagens (visuais e sonoras), subvertendo completamente as expectativas de leitura. A forma convencional é, portanto, o troco irônico que sua contrapoesia despeja sobre os despojos da poesia fútil e fru-fru do seu tempo.

A constituição de sua linguagem busca, apesar da tara científica (que, lembremos, funciona como contraponto), uma espécie de retorno à essência, à pura animalidade, que coloque questões truncadas à existência humana e sua relação com a realidade — pelo viés crítico do asco e da desestabilização da ideia de “bom gosto”.<sup>24</sup> Se a poesia era de “áureos relevos”, “taça amiga”, “mãozinha cruel”, “versos de ouro”, “cabeleiras líquidas”, “melancólica e linda estrela d’alva”, “valvas de nácar”, “a força e a graça na simplicidade”, “turbilhão de lava”, “ouvir estrelas” etc., depois da necrópsia operada por Augusto dos Anjos, a poesia se torna:

Os defuntos então me ofereciam  
Com as articulações das mãos inermes,  
Num prato de hospital, cheio de vermes,  
Todos os animais que apodreciam!

É possível que o estômago se afoite  
(Muito embora contra isto a alma se irrite)

<sup>23</sup>Trata-se, afinal de contas, de poemas, e, em sua maioria, sonetos decassílabos — carregados, portanto, de uma gigantesca tradição.

<sup>24</sup>A ideia de “bom gosto” guarda em sua gaveta semântica outras ideias sinistras, tais como: preconceito, redundância, tradicionalismo, autoritarismo, intolerância, conformismo etc.

A cevar o antropófago apetite,  
Comendo carne humana, à meia-noite!

Com uma ilimitadíssima tristeza,  
Na impaciência do estômago vazio,  
Eu devorava aquele bolo frio  
Feito das podridões da Natureza!

A busca por problematizar a condição humana, através de uma espécie de jogo em que há a desarticulação das categorias de normatização (políticas do “bom gosto” que constroem as posições de poder), é que permite, pela profanação, à linguagem (como de resto, outros espaços de vida dentro da própria vida) se abrir e, assim, se renovar. É uma oficina do mau gosto como instrumento de resistência, que se aproxima da paródia, e, pensando-a com Alfredo Bosi, a “paródia tem em comum com a sátira o espírito do contraste e leva a dissociação até o coração da ideologia literária, que se chama *gosto*”.<sup>25</sup> Quer dizer, trazendo para o contexto augustiano, sua estética do macabro problematiza toda uma concepção poética (e, por abertura metonímica, política) de seu tempo, derrubando a redundância estéril, demolindo o maquinário do eixo da tradição e expondo os ossos de um corpo (“bom gosto”) que, enfermo, recusa a morte — mas precisa morrer e justamente por obra do “mau gosto”. A poesia de Augusto não abre mão, portanto, dos elementos da tradição, mas os distorce, os mutila, os sangra, insere o veneno da violência existencial no vaso grego de flores coloridas e perfumadas da poesia que se fazia até então.

Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, que outra poesia, no Brasil, pôde projetar, para usar aqui as palavras de Anatol Rosenfeld, “o desafio do radicalmente feio à face do pacato burguês, desmascarando, pela deformação hedionda, a superfície harmônica e açucarada de um mundo intimamente podre”,<sup>26</sup> funcionando, deste modo, como termômetro de seu momento histórico? Esta pergunta se autorresponde após a leitura do *Eu*.

O discurso vigente da estúpida *belle époque* tupiniquim era de uma malas-arte euforia modernizante. O Rio de Janeiro (capital do país) aspirava a ser Paris. Ali se operam reformas urbanas, serviço de transporte público, os automóveis começam a buzinar pela cidade, os filmes chegam ao cinema etc. Tudo às mil maravilhas para uma sociedade que só sorri, com enormes dentes de ouro, sendo aclamada pelo coro dos contentes formado pela fauna fútil e endinheirada dos

<sup>25</sup> Alfredo Bosi, *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 201.

<sup>26</sup> Anatol Rosenfeld, “A costela de prata de A. dos Anjos”. In: Rosenfeld, Anatol. *Texto/Contexto* i, op. cit., p. 265.

clubes e dos salões. Por outro lado, essa “intelectualidade indígena” pouco se importava com as contradições históricas do período e a essa transformação violenta não havia quem pudesse fazer oposição. Nicolau Sevcenko aponta que quatro princípios fundamentais conduziram essas transformações:

a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento da cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense.<sup>27</sup>

A exclusão e a violência foram, portanto, os itens que marcaram a transformação do Rio de Janeiro sob a égide da burguesia, do preconceito (em todas as suas formas) e da europeização. Esse era o lugar de atuação (e também de escrita) de Augusto dos Anjos<sup>28</sup> e, como aponta Alcides, “não há enquadramento onde ele não figure como *outsider*”.<sup>29</sup>

A partir de tão hostil e horroroso ambiente, uma pergunta se formula: se a sociedade, imunda, fedida, que outro tipo de poesia daria conta de abordar essa degenerescência social senão a que lemos no livro de estreia deste poeta paraibano? Para uma sociedade putrefata, uma poesia putrefata, oras!

Seguindo a leitura, em “Os doentes”, um dos mais importantes poemas do livro e de toda a literatura brasileira, há amostras da aspiração por mudança que tal poética propunha como contraponto ao parasitismo alienado daquela sociedade. Como já observaram outros críticos, este poema é uma espécie de cosmogonia. Pelo contraste, o enunciador mostra que é através do “fígado doente” sangrando, da “epiderme cheia de sarampos”, da “camaradagem da moléstia”, da doença que faz a vida passar-se junto a uma escarradeira “pintando o chão de coágulos de sangue”, que se pode vislumbrar o nascimento de outra época. A morte então surge para redimir e tudo deve morrer para que se chegue ao Nada, configurando, assim, a única possi-

<sup>27</sup> Nicolau Sevcenko, *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 30.

<sup>28</sup> Acrescentemos ainda, como situação de escrita, a derrocada da sua situação familiar, levando à venda do Engenho do Pau d’Arco e, em consequência, ao empobrecimento da família. As dificuldades financeiras o acompanhariam durante toda a vida. Numa carta endereçada à mãe, datada de 18 de fevereiro de 1911, o poeta escreve: “Pelo menos é o que deseja, de toda a alma, um bacharel depenado, antigo professor de província, e possuidor de outros títulos congêneres de desmoralização”.

<sup>29</sup> Sérgio Alcides, “Augusto dos Anjos e o mito do ‘Eu’”. In: *Travessias do pós-trágico: os dilemas de uma leitura do Brasil*. Orgs. Ettore Finazzi-Agro, Roberto Vecchi e Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Unimarco, 2006, p. 128.

bilidade viável ao sujeito individual e ao Cosmos, desintegrando-os, numa “glutoneria hedionda”, para, finalmente, integrá-los num Nirvana. Um projeto que prevê que a composição só é possível através da recomposição pela decomposição.

Como uma cascavel que se enroscava,  
A cidade dos lázaros dormia...  
Somente, na metrópole vazia,  
Minha cabeça autônoma pensava!

Mordia-me a obsessão má de que havia,  
Sob os meus pés, na terra onde eu pisava,  
Um fígado doente que sangrava  
E uma garganta órfã que gemia!

Tentava compreender com as conceptivas  
Funções do encéfalo as substâncias vivas  
Que nem Spencer, nem Haeckel compreenderam...

E via em mim, coberto de desgraças,  
O resultado de bilhões de raças  
Que há muito desapareceram!

Aqui, mais uma vez, o enunciado coloca em dúvida a sabença dos filósofos, mostrando o quão incapazes são de compreender a complexidade macabra da existência (o trajeto inevitável de nascer, viver, adoecer e morrer), e que somente ao enunciador cabe tal conhecimento (“Ah! Somente eu compreendo, satisfeito, / A incógnita psique das massas mortas”). Portanto, toma a si mesmo como síntese de toda a existência anterior, projetando, em seus mais de quatrocentos versos, uma monstruosa saga que se fecha com a chave da tragédia.

Colocando à face do alienado burguês as tragédias históricas do povo que cultivou o Brasil, neste poema um feixe de assuntos se entreatam, na tentativa exasperada (e fatalista) de dar conta do complexo panorama da experiência, apontando, pela aberração que sempre constitui os planos de construção de lugares políticos, que a insurgência contra tal estado de coisas (destruindo-as, devorando-as) é a única saída. Antonio Arnoni Prado observa que:

No amplo painel do poema “Os doentes” Augusto dos Anjos acompanha a dinâmica de que resultou a sociedade moderna: a destruição dos indígenas, a “raça esmagada pela Europa”; a “raça negra” atirada ao “contubérnio diário das quitandas” por um “deus nefando” que transgrediu a “igualitária regra da Natureza”; a marginalização dos doentes, dos ébrios, dos mendigos, das prostitutas [...].<sup>30</sup>

<sup>30</sup>Antonio Arnoni Prado, “Um fantasma na noite dos vencidos”. In: Anjos, Augusto dos. *Eu e Outras poesias*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 40.



Uma causa que projeta para o futuro, através da desintegração do viciado e apodrecido mundo antigo, a criação de um novo projeto de organização humana — “Essa necessidade de *horroroso*”. É possível ler essa contrapoesia através da chave do anarquismo visionário kropotkiniano, que possui um forte sentido de negação (do Estado, da acumulação obscena de capital, de qualquer espécie de autoridade ou opressão, do egoísmo). Mas, ao mesmo tempo, essa negação possui “um profundo sentido afirmativo”,<sup>31</sup> pois visa à formação de um mundo igualitário cuja organização social se baseie na liberdade, no respeito e no apoio mútuo — num símile com a metamorfose da matéria e das ciências através da dialética destruição/construção. Por uma linha discursiva parecida, a contrapoética augustiana, através do discurso do horror, que se diz contra, que nega, afirma a todo instante a possibilidade de restauração pela “célula inicial de um Cosmos novo” que gera o “grande feto” que substituirá a espécie que reina, os humanos:

Entre as formas decrépitas do povo,  
Já batiam por cima dos estragos  
A sensação e os movimentos vagos  
Da célula inicial de um Cosmos novo!

O letargo larvário da cidade  
Crescia. Igual a um parto, numa fuma,  
Vinha da original treva noturna  
O vagido de uma outra Humanidade!

E eu, com os pés atolados no Nirvana,  
Acompanhava, com um prazer secreto,  
A gestação daquele grande feto,  
Que vinha substituir a Espécie Humana!

Ainda dentro de muitas possibilidades de leitura que essa obra suscita, insisto no tom hilário, no humor negro que se faz presente em muitos momentos. O uso cientificista dos vocábulos aponta para isso, assim como certas construções formais. Por exemplo, o extremo inchaço vocabular da seguinte quadra de “As cismas do destino”:

A vingança dos mundos astronômicos  
Enviava à terra extraordinária faca,  
Posta em rija adesão de goma laca  
Sobre os meus elementos anatômicos.

Toda esta quadra, encavalada em decassílabos e frases que beiram o hilário, para apenas falar do vento frio que o assola! A imagem da faca (para *frio cortante*) é, apesar de clichê, bonita, mas o verso três,

<sup>31</sup>Piotr Kropotkin. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007, p. 33.

com sua “rija adesão de goma laca”, e o verso quatro, com seus “elementos anatômicos”, dentro da ideia do poema (que é, diga-se, um ótimo poema), parecem exprimir um sentido jocoso.<sup>32</sup> Assim como esta outra, do poema “Tristezas de um quarto minguante”:

Por muito tempo rolo no tapete.  
Súbito me ergo. A lua é morta. Um frio  
Cai sobre o meu estômago vazio  
Como se fosse um copo de sorvete!

A terminologia científica, como já apontado, funciona como elemento irônico, como virais que infeccionam a estrutura linguística tradicional, corrompendo e desestabilizando a enunciação. Esse humor virótico e grotesco afirma uma revolta contra o *establishment*, criando, inevitavelmente, espaços de resistência onde surge sarro cadavérico, a paródia *gore*. Alfredo Bosi, ao comentar a paródia, percebe nela a ambiguidade que “repete os modos e metros convencionados ao mesmo tempo em que os dissocia dos valores para os quais esses modos e metros são habitualmente acionados”.<sup>33</sup> Quando infecta, com seus virais macabros, o soneto (trono da poesia conformada e conformista de seu tempo) e o faz espirrar sangue e horror, o poeta não faz outra coisa senão insurgir-se contra a poesia esquemática e de retórica anêmica, maquinaria frouxa só de perfumaria, feita por seus contemporâneos. Crítica feroz à velhacaria linguística praticada pelos poetas engabinetados, a contrapoesia do *Eu* se firma, portanto, como um duro projeto de resistência, afinal:

O ataque às maneiras de dizer se identifica ao ataque às maneiras de ver (ser, conhecer) de uma época; se é na (e pela) linguagem que os homens externam sua visão de mundo (justificando, explicitando, desvelando, simbolizando ou encobrendo suas relações reais com a natureza e a sociedade) investir contra o falar de um tempo será investir contra o ser desse tempo.<sup>34</sup>

Sob essa gargalhada crítica aparece também a seriedade e a densidade com a qual essa visão de mundo se forma. Não é apenas rir para desmontar um círculo vicioso, mas constatar, ainda, a tragédia do sujeito moderno, no interior de um projeto excludente, sem tensão e mergulhado no mais puro deleite egoísta. Sérgio Alcides observa, na comédia augustiana, que:

Em todos os casos [...] a ironia, a comédia e o humor só podem des-

<sup>32</sup>Lembrando, inclusive, o Augusto dos Anjos do conhecido (e pedante) discurso realizado em comemoração à data de abolição da escravidão, no Teatro Santa Rosa, em João Pessoa, em 13 de maio de 1909.

<sup>33</sup>Alfredo Bosi. *O ser e o tempo da poesia*, op. cit., p. 198.

<sup>34</sup>João Luiz Lafetá, *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2001, p. 20.

partar o riso amargo de quem reconhece, logo abaixo do efeito engraçado, um substrato sério e doloroso, difícil de aceitar. É a ironia da decadência da sociedade, a comédia da vaidade dos esforços humanos diante da morte, o humor com o qual o indivíduo moderno reconhece a sua impotência e sua angústia, o seu sentimento de desamparo.<sup>35</sup>

O reconhecimento desse “substrato sério e doloroso” é que configura e dá potência ao núcleo duro dessa poesia — que “É a luta, é o prélio enorme, é a rebelião/ Da criatura contra a natureza!”. Ignorá-lo é o mesmo que subestimar a obra augustiana. E se “Andam monstros sombrios pela estrada/ E pela estrada, entre estes monstros, ando!”, não há um lamento sequer que tenha sabor doce. Esse constante atrito de opostos em sua obra organiza sua consciência mesma da tragédia:

Bati nas pedras dum tormento rude  
E a minha mágoa de hoje é tão intensa  
Que eu penso que a Alegria é uma doença  
E a Tristeza é minha única saúde.

Esta contrapoética regula sua revolta *gore* e seu humor negro (como um George Romero *bellepoquista*, câmara em mãos destilando seu ácido sulfúrico apocalíptico mediante as gosmas fantasmagóricas de seus zumbis) através de uma finíssima arquitetura escritural. Formalmente subverte a fôrma fixa do soneto (e/ou do decassílabo), libertando as amarras silábicas, deixando que as sílabas fortes e fracas conduzam a música triturante e triturada — aspectos que transformam o verso clássico numa máquina irritada que, não poucas vezes, subjuga e ri de si mesma, com elegância. Como nessa estrofe de “Gemidos da arte”:

Ah! Por que desgraçada contingência  
À hispida aresta sáxea áspera e abrupta  
Da rocha brava, numa ininterrupta  
Adesão, não preendi minha existência?!

Ou deixando transitar em seu verso a palavra rara, polida, com a palavra coloquial, arruaceira, modulando-as de maneira que tudo soe com extrema naturalidade. Como nos mostra o célebre soneto “Psicologia de um vencido”:

Eu, filho do carbono e do amoníaco,  
Monstro de escuridão e rutilância,  
Sofro, desde a epigênese da infância,  
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,  
Este ambiente me causa repugnância...

---

<sup>35</sup>S. Alcides, “Augusto dos Anjos e o *Eu* universal”, op. cit., p. 20.

Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia  
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas —  
Que o sangue podre das carnificinas  
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,  
E há de deixar-me apenas os cabelos,  
Na frialdade inorgânica da terra!

Construção elaborada, em que a ânsia, o “conjunto de fenômenos mórbidos que antecedem a morte”, numa das acepções que o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* fornece ao vocábulo, perpassa todo o poema, repetindo-se vertiginosamente como as infinitas contrações do epigástrico de quem está passando muito mal. Então, ao fechar o segundo quarteto, o vocábulo aparece cinco vezes, seja ele próprio (no verso 7, em ocorrência dupla), seja como sufixo, embutido nas palavras “rutilância”, “infância” e “repugnância”. Pode-se ainda escutá-la, levemente distorcida, no verso 4: “influência”. E, perdida e estilizada, na observação do verme, no verso 6: “Que o **sangue** podre das carnificinas”; assim como o anagrama no corpo da palavra “inorgânica” (ânica / ância), no verso final do soneto. É um mal-estar dilacerante que exige uma vontade enérgica de terminar com tudo; por isso, a mesma ânsia, substantivo, se desdobra depois no verbo “ansiar”, daquele que “deseja com veemência”, que “almeja”, segundo informação do mesmo dicionário. O enunciado almeja que o verme que espreita seus olhos com imenso apetite deixe-lhe “apenas os cabelos/ Na frialdade orgânica da terra!”. Poderosa imagem da ânsia pela morte como salvação: o clamor pelo golpe de misericórdia do “operário das ruínas” como remédio que acabará com toda a ciência e consciência que lhe maltratam a vida, arruinada, de vencido.

Há de se notar, ainda, como artefato construtivo, que com apenas duas palavras o poeta consegue formar um decassílabo (no primeiro verso do segundo quarteto), uma característica curiosa que parece exercer um grande fascínio ao poeta, visto que usa de construções parecidas em outros momentos do livro.

Outra iguaria rítmica de grande engenhosidade está na bateria anafórica do magnífico “Poema negro”, em que a repetição linguística causa vertigem e orquestra perfeitamente a situação de espasmo do enunciado:

E quando vi que aquilo vinha vindo  
Eu fui caindo como um sol caindo  
De declínio em declínio; e de declínio  
Em declínio, com a gula de uma fera,

Quis ver o que era, e quando vi o que era,  
Vi que era pó, vi que era esterquilínio!

Podemos notar também outras construções sonoras em todo este conjunto de poemas. Belas aliterações, como:

Voando ao vento o vastíssimo vapor  
Brancas bacantes bêbadas o beijam

Outras engraçadas, como:

Babujada por baixos beijos brutos.

Ferreira Gullar, no ensaio “Augusto dos Anjos ou Vida e morte nortestina”, aponta que a morte atinge a vida orgânica e o universo numa movimentação micro/macro que é, em suma, o mecanismo de funcionamento de toda a matéria existente, e também a dialética operada nestes poemas. Acredito, indo um pouco mais adiante (dentro do reino da linguagem poética), que, além da vida orgânica e do universo, a morte se incrusta na própria estrutura do verso, dando-lhe, por paradoxo, vida.<sup>36</sup> Como no primeiro terceto do soneto “O Deus-Verme”, em que o enunciado é repleto de atritos consonantais em *dr* e *gr*, e seus *r* roedores parecem fornecer o ambiente sonoro da mastigação vermicular:

Almoça a podridão das drupas agras,  
Janta hidrôpicos, rói vísceras magras  
E dos defuntos novos incha a mão...

Outros exemplos, dentre muitos, recolhidos deste *Eu*:

A criptógama cápsula se esbroa  
Ao contato de bronca destra forte!

Atro dragão da escura noite, hedionda,  
Em que o Tédio, batendo na alma, estronda  
Como um grande trovão extraordinário

De aberratórias abstrações abstrusas!

Bruto, de errante rio, alto e horrído, o urro

Rasgue a água horrída a nau árdega e singre-me!

<sup>36</sup>Interessante perceber que a morte em Augusto dos Anjos não é oposição à vida, mas sim parte da estrutura geral da movimentação cósmica, do ciclo infinito que azeita a evolução. José Paulo Paes dirá que “a morte é nela vista menos como antípoda da vida do que parte integrante do seu perene ciclo evolutivo, porta do acesso panteísta ao Grande Todo que a religiosidade laica do monismo de Haeckel identificava como Deus, mas que no *Eu* se identifica ao nirvana búdico”. Cf. José Paulo Paes, “Augusto dos Anjos ou O evolucionismo às avessas”, op. cit., p. 23.

O bardo Augusto foi também portador de um rimário amplo, estranho e forte. Entrerrimou palavras portuguesas com estrangeiras (*escalpelos/vitellus*), nomes próprios com substantivos (*Ripetta/quieta*, *reúno/Giordano Bruno*), termos científicos com adjetivos ou substantivos (*blastodermas/palermas*), verbos com letra do alfabeto (*apodrece/s*), palavras eruditas com palavras vulgares (*cenobial/universal*), deus e o diabo!

Também sangrou algumas palavras em busca da sonoridade ideal, movimentando os acentos tônicos das palavras, inserindo seu bisturi no âmago da prosódia, usando da sístole e da diástole.

No caso da primeira, a sístole, em que o acento é transferido para a sílaba posterior, temos a mudança de acento na palavra “periféria”, transformando-a em proparoxítona (“periféria”) para rimar com “deletéria”, em “Os doentes”:

A ruína vinha horrenda e deletéria  
Do subsolo infeliz, vinha de dentro  
Da matéria em fusão que ainda há no centro,  
Para alcançar depois a periféria!

A diástole ocorre no poema “Gemidos da arte”, em que o acento tônico da palavra “alimária” desaparece, tonificando assim a sílaba seguinte, formando uma paroxítona para rimar com “dias”:

E por trezentos e sessenta dias  
Trabalhar e comer! Martírios juntos!  
Alimentar-se dos irmãos defuntos,  
Chupar os ossos das alimarias!

Ou, em “Monólogo de uma sombra”, extirpando o acento tônico da palavra “aríete”, paroxitonando-a para formar rima com “acomete”:

E explode, igual à luz que o ar acomete,  
Com a veemência mavórtica do ariete

Outro traço importante desta contrapoética vertiginosa é o uso superabundante dos superlativos (alguns raros e que beiram o absurdo e que jogam com certo tom jocoso, como “sanguinolentíssimos” ou “escaveiradíssimas”), hipérboles e pontos de exclamação. Elementos que parecem reforçar os indícios de desespero e urgência, como acentos de violência e gritos de horror. Os versos do poema “Gemidos da arte” parecem explicar o desespero na eterna e hedionda noite da vida pela qual vagava o poeta:

Súbito, arrebatando a horrenda calma,  
Grito, e se grito é para que meu grito  
Seja a revelação deste Infinito  
Que eu trago encarcerado na minh’alma!

O grito é intenso, desopilador, e o infinito interior reitera a abolição de fronteiras entre o Eu e o Cosmos, é a solidariedade total na qual se identifica a dor própria com a dor alheia de todo o mundo:

Uivava dentro do *eu*, com a boca aberta,  
A matilha espantada dos instintos!

Criando uma certa cenografia expressionista (para usar, ainda uma vez, a boa leitura de Rosenfeld), em alguns poemas há um fluxo narrativo cinematográfico, como neste exemplo extraído novamente do belíssimo “As cismas do destino”:

Recife, Ponte Buarque de Macedo.  
Eu, indo em direção à casa do Agra,  
Assombrado com a minha sombra magra,  
Pensava no Destino, e tinha medo!

Na austera abóbada alta o fósforo alvo  
Das estrelas luzia... O calçamento  
Sáxeo, de asfalto rijo, atro e vidrento,  
Copiava a polidez de um crânio alvo.

Lembro-me bem. A ponte era comprida,  
E a minha sombra enorme enchia a ponte,  
Como uma pele de rinoceronte  
Estendida por toda a minha vida!

A noite fecundava o ovo dos vícios  
Animais. Do carvão da treva imensa  
Caía um ar danado de doença  
Sobre a cara geral dos edifícios!

Aqui, sob o ambiente noturno, o enunciador aponta o local onde se encontra, o destino e o caminho para se chegar a tal lugar. Com poderosos *zooms*, da cidade à ponte, da sombra ao corpo e deste à infinitude do pensamento (horrorizado), subtraindo da sintaxe imagens monstruosas e surreais, os versos imprimem a sensação de desespero, “aprofundando o raciocínio obscuro”, em que não se vê outra saída, além da hecatombe, ainda que se veja “O trabalho genésico dos sexos,/ Fazendo à noite os homens do Futuro”, o que poderia soar como uma espécie de alívio, mas não: esses homens desse Futuro (com inicial em maiúscula, portanto não qualquer futuro) apenas irritam o poeta, pois se mostram inacabados na raiz, afirmando o fracasso daquela “fábrica terrível”:

Mas, a irritar-me os globos oculares,  
Apregoando e alardeando a cor nojenta,  
Fetos magros, ainda na placenta,  
Estendiam-me as mãos rudimentares!

O desamparo é tamanho que nem Deus é capaz de compreender tal dilacerante dor: “Ninguém compreendia o meu soluço,/ Nem mesmo Deus!”. E o castigava em sua cruzada até o cemitério, como se cruzasse, épico e fantasmagórico, o Hades.

O local da enunciação não é nítido (se a ponte no interior da cidade ou o pensamento dentro do crânio, o que cria a realidade? — se é que há mesmo alguma realidade) e desenha uma atmosfera de expressão forte, *noir*, repleta de vertiginosas distorções que apontam para uma desordem que, de alguma maneira, tenta dar conta da situação de caos.

A obsessão pela putrefação, como possibilidade redentora, é reafirmada neste fragmento francamente *splatter*:

Essa obsessão cromática me abate.  
Não sei por que me vêm sempre à lembrança  
O estômago esfaqueado de uma criança  
E um pedaço de víscera escarlate.

A potência desses versos, dentro da estrutura semântica do poema como um todo, é gigante — as imagens são violentas, macabras, causando asco e susto no receptor. O enunciado coloca à disposição do caríssimo leitor seu “apetite necrófago”, na época monstruosa em que “os sábios não ensinam”, em que a morte, sua gritaria e seu odor (como num filme de Tobe Hooper<sup>37</sup>), põe para fora todas as vísceras, gosmas e postas. O poeta opera com extremo rigor compositivo neste poema de longo fôlego, em que destrincha, como uma espécie de açougueiro do verso, as patologias sociais, fisiológicas e psicológicas que roíam o corpo apodrecido da história. José Paulo Paes observa, com muita propriedade, que:

A medida da competência dessa arte está no vigor com que logra exprimir sensações de horror e náusea que só nos contos de Poe, não na sua poesia, iremos encontrar tão vigorosamente expressas.<sup>38</sup>

E durante a longa meditação, a revolta invade o enunciador que, numa violenta crítica à sociedade (“Aquele humanidade parasita”), nomeia os cadáveres e põe à vista as “rebeladas cóleras que rugem/ No homem civilizado”:

O Estado, a Associação, os Municípios  
Eram mortos. De todo aquele mundo  
Restava um mecanismo moribundo  
E uma teleologia sem princípios.

<sup>37</sup>Cineasta norte-americano que dirigiu *O massacre da serra elétrica* (1974), um clássico do terror.

<sup>38</sup>Paes, op. cit., p. 18.



A violência com que o enunciador constrói seu lúgubre percurso pretende não deixar nada de pé. A revolta ruge, homem civilizado que é, dentro de si. E é no oceano de escarros onde grassam as desgraças e mentiras, a “teleologia sem princípios” e “os canalhas do mundo”, que o furioso enunciador enterra o ideário cristão:

Escarrar de um abismo noutro abismo,  
Mandando ao Céu o fumo de um cigarro,  
Há mais filosofia neste escarro  
Do que em toda a moral do Cristianismo!

E “a revolta do poeta se comunica às criaturas, e ele — tão fluentemente articulado — torna-se o porta-voz de todos os seres que a evolução deixará para trás”,<sup>39</sup> evidenciando, novamente, uma extrema solidariedade com os destituídos de esperança no mundo que “resignava-se invertido”, bizarro e sem piedade, fazendo com que, sob monumental melancolia, o poeta clamasse que

Morressem sufocadas pelo fogo  
Todas as impressões do mundo externo!

Com uma belíssima e melancólica imagem, o enunciador lamenta que a Terra, onde caminha o destino de todos os humanos e onde se prefigura o real (ou a ideia que se tem dele), não lhe permite equilíbrio:

Mas a Terra negava-me o equilíbrio...  
Na Natureza, uma mulher de luto  
Cantava, espiando as árvores sem fruto.  
A canção prostituta do ludíbrio!

É grande a beleza plástica da imagem da mulher de luto que canta o ludíbrio fitando uma árvore sem frutos, como num triste e miserável exercício de exorcismo.

Em outros poemas notam-se pontuações espaço-temporais como se usaria muito, dali a pouco, no cinema e, depois, nas histórias em quadrinhos. Como no exemplo tirado do segundo soneto da série “Sonetos”, dedicados ao pai do poeta:

Madrugada de Treze de Janeiro.

Da “Noite de um visionário”, numa pavorosa cena de decomposição:

Número cento e três. Rua Direita.  
Eu tinha a sensação de quem se esfola  
E inopinadamente o corpo atola  
Numa poça de carne liquefeita!

De “O caixão fantástico”:

---

<sup>39</sup>Alcides, “Augusto dos Anjos e o *Eu universal*”, op. cit., p. 82.

Era tarde! Fazia muito frio.  
Na rua apenas o caixão sombrio  
la continuando o seu passeio!

Ou, do “Poema negro”:

Súbito outra visão negra me espanta!  
Estou em Roma. É Sexta-feira Santa.

[...]

Dorme a casa. O céu dorme. A árvore dorme.

Cavalcanti Proença aponta para a recorrência da palavra “sangue” e suas cognatas que, segundo o crítico, configuram uma ambiência de aniquilamento total. Esse apocalipsismo *gore* parece apontar para uma tentativa de ressemantizar a essência humana através de sua metáfora ao mesmo tempo mais natural e violenta, dando às lentes críticas uma potência maior e fazendo-as focar com nitidez o que antes era apenas vulto. O sangue visto como expressão máxima da mutilação e da reconstrução da vida, numa dialética constante. A contrapoética augustiana, como vimos até agora, quer pôr tudo abaixo<sup>40</sup> (Eros e Thanatos se entreacariciando) para poder criar novos espaços de habitação em sua poesia, quadro que porta aquele caráter destrutivo apontado por Walter Benjamin em clássico texto:

O caráter destrutivo não vê nada de duradouro. Mas eis precisamente por que vê caminhos por toda parte. Onde outros esbarram em muros ou montanhas, também aí ele vê um caminho. Já que o vê por toda parte, tem de desobstruí-lo também por toda parte. Nem sempre com brutalidade, às vezes com refinamento. Já que vê caminhos por toda parte, está sempre na encruzilhada. Nenhum momento é capaz de saber o que o próximo traz. O que existe ele converte em ruínas, não por causa das ruínas, mas por causa do caminho que passa através delas.<sup>41</sup>

Essa forte pulsão *gore* (“A cor do sangue é a cor que me impressiona”) enuncia a destruição, mas prevê também a reconstrução. Onde todos veem civilização, o poeta vê decomposição, mas dentro da “carne podre” habitam os vermes que, monstruosamente, inauguram outra

<sup>40</sup>Curioso notar que no manifesto expressionista chamado “Revolução”, de 1913, de autoria do poeta anarquista alemão Erich Mühsam (um dos nomes fortes da poesia anarquista no século xx), pode-se ler: “As forças motrizes da revolução são tédio e nostalgia, sua expressão é destruição e criação./ Destruição e criação são idênticas na revolução. Todo desejo destruidor é um desejo criador (Bakunin)” (cf. Cavalcanti, *Poesia expressionista alemã*, op. cit., p. 21.). Essas palavras do poeta anarquista, tão sugestivas se aplicadas à contrapoética de Augusto dos Anjos, corroboram a ideia de Rosenfeld.

<sup>41</sup>Walter Benjamin, “O caráter destrutivo”. In *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 237.

organização social — cujo progresso será operar o ritual de passagem da carne podre (humana) ao Nada (nirvana búdico). Então é uma afirmação negativa que, por poderoso oxímoro, se faz positiva, pois busca alternativa de redenção e equilíbrio. Se tudo sangra é porque há enfrentamento. O mundo é violento e hostil e as mudanças só se fazem pela violência, como está escrito em “Queixas noturnas”:

Para essas lutas uma vida é pouca  
Inda mesmo que os músculos se esforcem;  
Os pobres braços do mortal se torcem  
E o sangue jorra, em coalhos, pela boca.

A linguagem se torna corpórea, pois exige ação direta, mesmo que fadada à derrota. A linguagem é o homem. A linguagem agora é o sangue, os ossos, as tripas, a garganta. Mais que a linguagem, a língua: o “órgão muscular recoberto de mucosa, situado na boca e na faringe, responsável pelo paladar e auxiliar na mastigação e na deglutição, e também na produção de sons”.<sup>42</sup>

Febre de em vão falar, com os dedos brutos  
Para falar, puxa e repuxa a língua,  
E não lhe vem à boca uma palavra!

Rompe-se com a visão acadêmica e burguesa da poesia como um artefato meramente literário, quebra-se a superstição da “arte pela arte”.<sup>43</sup> Esta contrapoesia do *Eu* estava fincada na vida, no contexto histórico,<sup>44</sup> alimentando, pelo viés do humor negro e do grotesco, uma visão de mundo, uma violenta crítica à sociedade *bellesquista* — “esta grande noite brasileira” em que o “sono esmaga o encéfalo do povo”. Como diria Carpeaux, “o grande poeta que sabe dizer como este povo sofre e lhe prever uma nova aurora”. Como, aliás, escreverá o poeta no poema “Barcarola”:

Mas desgraçado do pobre  
Que em meio da Vida cai!  
Esse não volta, esse vai  
Para o túmulo que o cobre.

Daí se instaura, na poesia de Augusto dos Anjos, uma poética da vida de todos os dias transubstanciada pela melancolia imanente do Cosmos, ou, melhor dizendo, para reiterar, uma contrapoética da sociedade com poderosas lentes de aumento. Sua obra é uma crítica da linguagem e da sociedade, e explora muitas camadas de significação,

<sup>42</sup> Segundo acepção do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.

<sup>43</sup> “Arte pela arte”, “*business is business*” e “cada um com seus problemas” são, afinal, galhos da mesma árvore.

<sup>44</sup> Num texto de jornal, de 3 de fevereiro de 1908, Augusto dos Anjos escreverá: “Nesta cidade a política e o carnaval, num sentido degradante, ocupam a atenção do público, insuficientemente culto para a verdadeira compreensão dos fins humanos”.

o que a torna forte e atemporal. Essas camadas formam seu complexo painel. A recusa de Augusto figura em sua linguagem nas mais variadas frentes, ele faz a poesia descer do pedestal, sair da torre de marfim e caminhar no *wild side*, elaborando uma crítica incisiva e violenta. Sua poesia desceu “ao mais sórdido da miséria humana para, aí, iluminá-la”.<sup>45</sup> Essa iluminação faz parte do projeto destrutivo que carrega em si a reconstrução (Benjamin). Essa iluminação é, portanto, “um gesto crítico da inteligência que resiste”.<sup>46</sup>

Em “Gemidos da arte”, a ruína do mundo todo expressa nos cacos quebrados de uma janela, na parede abandonada, do patamar comum das coisas do mundo. Uma das sequências mais belas da poesia brasileira. A morte dentro da morte, autodevorando-se como num caleidoscópio aterrorizante:

Na bruta dispersão de vítreos cacos,  
À dura luz do sol resplandecente,  
Trôpega e antiga, uma parede doente  
Mostra a cara medonha dos buracos.

O cupim negro broca o âmago fino  
Do teto. E traça trombas de elefantes  
Com as circunvoluções extravagantes  
Do seu complicadíssimo intestino.

O lodo obscuro trepa-se nas portas.  
Amontoadas em grossos feixes rijos,  
As lagartixas dos esconderijos  
Estão olhando aquelas coisas mortas!

Como no correr de sua obra, o homem nu, aberto ao mundo, no meio da escuridão de sua pobre existência, está exposto ao avesso, por dentro, visto pelo ponto de vista do verme, do fantástico monstro da decadência. O homem está para o objeto como este para o homem — a realidade é cosmo do cuspo, o universo é o número 103 da rua Direita, o infinito é a insônia iluminada por um candeeiro. O muro, das estrofes anteriores, é então parte desse organismo que também decai, e a cal e a carne:

A lamparina quando falta o azeite  
Morre, da mesma forma que o homem morre.

No poema “As cismas do destino”, a imagem do apagamento retorna e novamente funde sujeito e objeto, numa comovente e bela imagem:

As pálpebras inchadas na vigília,  
As aves moças que perderam a asa,

<sup>45</sup>Gullar, “Augusto dos Anjos ou Vida e morte nordestina”, op. cit., p. 37.

<sup>46</sup>Prado, “Um fantasma na noite dos vencidos”, op. cit., p. 25.

O fogão apagado de uma casa,  
Onde morreu o chefe da família;

A ausência do fogo no fogão é a presença da fome no vácuo deixado pela morte do chefe da família. O apagamento é também uma espécie de verme que elimina do tempo os traços da vida, abrindo espaço para o Nada, assim como verme que elimina do corpo a carne que outrora o animara. A produção de ruínas no relógio da existência é a concepção própria e primordial de seu mecanismo. A ruína é, portanto, condição *sine qua non* de tudo que existe.

Uma concepção política da vibração estética, claro. A arte se faz como contraparte da vida, uma reverberando a outra, numa complexa dialética. Daí a impossibilidade de se expulsar o cotidiano da geografia árdua do poema. Uma arte que baste a si mesma não tem o menor sentido. Alfonso Berardinelli, ao comentar a lírica defendida por Hugo Friedrich em seu *Estrutura da lírica moderna*, escreve que

a lírica de que nos fala Friedrich em seu livro basta a si mesma. Não necessita mais do mundo, evita qualquer vínculo com a realidade. Nega-lhe até a existência. Fecha-se numa dimensão absolutamente autônoma. Fantasia ditatorial, transcendência vazia, puro movimento da linguagem, ausência de fins comunicativos, fuga da realidade empírica, fundação de um espaço tempo sem relações causais e dissociado da psicologia e da história.<sup>47</sup>

A poesia que Friedrich defende é, fazendo um paralelo com o Brasil do início do século xx, antípoda à que defendiam tanto a vanguarda política (o anarquismo e o movimento operário) quanto a vanguarda estética (os nomes de ponta do modernismo heroico). Se a arte fechada numa “dimensão absolutamente autônoma” não era, portanto, opção de escritores como Lima Barreto, Fábio Luz, José Oiticica ou Domingos Ribeiro Filho, nem para Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Luís Aranha, Oswald de Andrade ou Alcântara Machado, tampouco era para Augusto dos Anjos. O poeta paraibano não sofre deste esnobismo burguês de pantufas e luva de pelica. A poesia, como se mostra neste espetacular livro chamado *Eu*, exige bem mais que simples versos. Exige uma revolução onde o ético organize o estético de alguma maneira para, assim, operar uma transformação nos modos de ver e pensar o mundo, num gesto de enfrentamento que configura um programa de resistência.

Augusto dos Anjos viria a influenciar, de uma maneira ou de outra, inúmeros poetas posteriores. Podemos notar, por vários aspectos, a voz do autor do *Eu* em poetas tão diferentes como Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima, João Cabral de Melo Neto ou Ferreira Gul-

<sup>47</sup>Alfonso Berardinelli, *Da poesia à prosa*. São Paulo: CosacNaify, 2007, p. 21.

lar, ou, ainda, mais contemporaneamente, Glauco Mattoso, Sebastião Nunes ou Helio Neri.

E essa influência não é por acaso. Augusto dos Anjos possuía aguda consciência da modernidade,<sup>48</sup> fato que nem os modernistas heroicos conseguiram perceber, pois se perderam na superfície e não conseguiram captar, no osso da obra augustiana, as imensas questões que esta propunha.

Sua poesia não deu moleza para as letras de seu tempo. Recusou o fácil e o confortável e pagou o preço por isso. Mas, justiça feita, sua obra hoje é reconhecida e apreciada tanto pelo público quanto pela crítica. O domínio completo de sua arte, de sua expressão, paga a fiança da cegueira histórica. E agora, dezenas e dezenas de edições depois, *Eu* está preparado para a festa de seu centenário. Chegar aos cem anos com tanta força e vitalidade é para poucos, pouquíssimos!

Augusto dos Anjos, o “espião do apocalipse”, numa expressão feliz de José Paulo Paes, possuía, para usar um termo de outro poeta anárquico e demolidor (Torquato Neto), “consciência da tragédia em plena tragédia”.

Sua dicção sinuosa, entalhada por biopalavras, não cedeu concessões ao seu tempo. Pelo contrário, numa escrita da coragem, optou por instaurar, na sala de leitura do mundo, novas possibilidades poéticas. Um sublime desconcerto, presente e pra sempre, Augusto dos Anjos deixou de ser um poeta do início do século xx para se tornar, com o passar das décadas, um poeta do tempo presente. O poeta que produziu uma distorção fatal na bem comportada e engroselhada poesia de seu tempo não merecia lugar melhor na história.

## **Nota sobre a edição**

Esta edição contém o texto integral de *Eu* publicado em 1912.

O estabelecimento de texto foi feito a partir da primeira edição de *Eu*<sup>49</sup> (1912) integrante do acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo — ieb-usp. Foram usadas, como apoio ao trabalho, as seguintes edições recentes:

*Eu e Outras poesias*. (Org. Antonio Arnoni Prado). São Paulo: Martins Fontes, 2000.

---

<sup>48</sup>Álvaro Lins chegaria a afirmá-lo como o único “realmente moderno, com uma poesia que pode ser compreendida e sentida como a de um contemporâneo”. No ensaio “Augusto dos Anjos, poeta moderno”, constante do volume *Augusto dos Anjos. Textos críticos*. (Brasília: inl, 1973), organizado por Afrânio Coutinho e Sônia Brayner.

<sup>49</sup>A edição consultada contém a seguinte dedicatória: “Ao grande espírito de Américo Facó homenagem affectuosa de (impresso: Augusto dos Anjos). Rio, 15-6-1912”.

*Eu e Outras poesias*. (Org. Sérgio Alcides). São Paulo: Ática, 2005.

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Entretanto, optou-se por manter as variações autorais — dois/dous, coisas/cousas etc.

O organizador agradece a colaboração de Juliana Marks, Roberto Zular, Sérgio Alcides e Tiago Pinheiro.

Alcides, Sérgio. “O gosto péssimo”. In *Bravo!* n. 86, 2004.

idem. “Augusto dos Anjos e o *Eu* universal”. In Anjos, Augusto dos. *Eu e Outras poesias*. São Paulo: Ática, 2005.

idem. “Augusto dos Anjos e o mito do ‘Eu’”. In *Travessias do pós-trágico: os dilemas de uma leitura do Brasil*. (Orgs. Ettore Finazzi-Agro, Roberto Vecchi e Maria Betânia Amoroso). São Paulo: Unimarco, 2006.

Anjos, Augusto dos. *Eu*. Rio de Janeiro: s.c.p., 1912.

idem. *Eu e Outras poesias*. (Org. Antonio Arnoni Prado). São Paulo: Martins Fontes, 2000.

idem. *Eu e Outras poesias*. (Org. Sérgio Alcides). São Paulo: Ática, 2005.

Benjamin, Walter. “O caráter destrutivo”. In *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

Berardinelli, Alfonso. *Da poesia à prosa*. São Paulo: CosacNaify, 2007.

Bosi, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1974.

idem. “Poesia-resistência”. In *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Cavalcanti, Claudia. (Org. e trad.) *Poesia expressionista alemã — Uma antologia*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

Gullar, Ferreira. “Augusto dos Anjos ou Vida e morte nordestina”. In Anjos, Augusto dos. *Toda a poesia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Kropotkin, Piotr. *O princípio anarquista e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007.

Lafetá, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2001.

Micheli, Mario de. *As vanguardas artísticas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Paes, José Paulo. “Augusto dos Anjos ou O evolucionismo às avessas”. In Anjos, Augusto dos. *Os melhores poemas de...* São Paulo: Global, 1997.

Prado, Antonio Arnoni. “Um fantasma na noite dos vencidos”. In Anjos, Augusto dos. *Eu e Outras poesias*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Rosenfeld, Anatol. “A costela de prata de A. dos Anjos”. In Rosenfeld, Anatol. *Texto/Contexto* i. São Paulo: Perspectiva, 1996.

Sevcenko, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

## **Eu**

À memória de meu pai

À minha Mãe — Córdula C. R. dos Anjos

À minha Mulher — Ester Fialho R. dos Anjos

À minha filhinha — Glória

Aos meus irmãos

## **Monólogo de uma sombra**

”Sou uma Sombra! Venho de outras eras, Do cosmopolitismo das moneras... Pólipo de recônditas reentrâncias, Larva de caos telúrico, procedo Da escuridão do cósmico segredo, Da substância de todas as substâncias!

A simbiose das coisas me equilibra. Em minha ignota mônada, ampla, vibra A alma dos movimentos rotatórios... E é de mim que decorrem, simultâneas, A saúde das forças subterrâneas E a morbidez dos seres ilusórios!

Pairando acima dos mundanos tetos, Não conheço o acidente da *Senectus* — Esta universitária sanguessuga Que produz, sem dispêndio algum de vírus, O amarelecimento do papírus E a miséria anatômica da ruga!

Na existência social, possuo uma arma — O metafisicismo de Abidharma — E trago, sem bramânicas tesouras, Como um dorso de azêmola passiva, A solidariedade subjetiva De todas as espécies sofredoras.



Com um pouco de saliva quotidiana Mostro meu nojo à Natureza Humana. A podridão me serve de Evangelho... Amo o esterco, os resíduos ruins dos quiosques E o animal inferior que urra nos bosques É com certeza meu irmão mais velho!

Tal qual quem para o próprio túmulo olha, Amarguradamente se me antolha, À luz do americano plenilúnio, Na alma crepuscular de minha raça Como uma vocação para a Desgraça E um tropismo ancestral para o Infortúnio.

Aí vem sujo, a coçar chagas plebeias, Trazendo no deserto das ideias O desespero endêmico do inferno, Com a cara hirta, tatuada de fuligens Esse mineiro doido das origens, Que se chama o Filósofo Moderno!

Quis compreender, quebrando estéreis normas, A vida fenomênica das Formas, Que, iguais a fogos passageiros, luzem... E apenas encontrou na ideia gasta, O horror dessa mecânica nefasta, A que todas as coisas se reduzem!

E hão de achá-lo, amanhã, bestas agrestes, Sobre a esteira sarcófaga das pestes A mostrar, já nos últimos momentos, Como quem se submete a uma charqueada, Ao clarão tropical da luz danada, O espólio dos seus dedos peçonhentos.

Tal a finalidade dos estames! Mas ele viverá, rotos os liames Dessa estranguladora lei que aperta Todos os agregados perecíveis, Nas ete-rizações indefiníveis Da energia intra-atômica liberta!

Será calor, causa ubíqua de gozo, Raio x, magnetismo misterioso, Quimiotaxia, ondulação aérea, Fonte de repulsões e de prazeres, Sonoridade potencial dos seres, Estrangulada dentro da matéria!

E o que ele foi: clavículas, abdômen, O coração, a boca, em síntese, o Homem, — Engrenagem de vísceras vulgares — Os dedos carregados de peçonha, Tudo coube na lógica medonha Dos apodrecimentos musculares.

A desarrumação dos intestinos Assombra! Vede-a! Os vermes assassinos Dentro daquela massa que o húmus come, Numa glutoneria hedionda, brincam, Como as cadelas que as dentuças trincam No espasmo fisiológico da fome.

É uma trágica festa emocionante! A bacteriologia inventariante Toma conta do corpo que apodrece... E até os membros da família engulham, Vendo as larvas malignas que se embrulham No cadáver mal-são, fazendo um s.

E foi então para isto que esse doido Estragou o vibrátil plasma todo, À guisa de um faquir, pelos cenóbios?!... Num suicídio graduado,

consumir-se, E após tantas vigílias, reduzir-se À herança miserável de micróbios!

Estoutro agora é o sátiro peralta Que o sensualismo sodomita exalta, Nutrindo sua infâmia a leite e a trigo... Como que, em suas células vilíssimas, Há estratificações requintadíssimas De uma animalidade sem castigo.

Branças bacantes bêbedas o beijam. Suas artérias hírcicas latejam, Sentindo o odor das carnações abstêmias, E à noite, vai gozar, ébrio de vício, No sombrio bazar do meretrício, O cuspo afrodisíaco das fêmeas.

No horror de sua anômala nevrose, Toda a sensualidade da simbiose, Uivando, à noite, em lúbricos arroubos, Como no babilônico *sansara*, Lembra a fome incoercível que escancara A mucosa carnívora dos lobos.

Sôfrego, o monstro as vítimas aguarda. Negra paixão congênita, bastarda, Do seu zooplasma ofídico resulta... E explode, igual à luz que o ar acomete, Com a veemência mavórtica do ariete E os arremessos de uma catapulta.

Mas muitas vezes, quando a noite avança, Hirto, observa através a tênue trança Dos filamentos fluídicos de um halo A destra descarnada de um duende, Que, tateando nas tenebras, se estende Dentro da noite má, para agarrá-lo!

Cresce-lhe a intracefálica tortura, E de su'alma na caverna escura, Fazendo ultraepiléticos esforços, Acorda, com os candeeiros apagados, Numa coreografia de danados, A família alarmada dos remorsos.

É o despertar de um povo subterrâneo! É a fauna cavernícola do crânio — Macbeths da patológica vigília, Mostrando, em rembrandtescas telas várias, As incestuosidades sanguíneas Que ele tem praticado na família.

As alucinações táteis pululam. Sente que megatérios o estrangulam... A asa negra das moscas o horroriza; E autopsiando a amaríssima existência Encontra um cancro assíduo na consciência E três manchas de sangue na camisa!

Mingua-se o combustível da lanterna E a consciência do sátiro se inferna, Reconhecendo, bêbedo de sono, Na própria ânsia dionísica do gozo, Essa necessidade de *horroroso*, Que é talvez propriedade do carbono!

Ah! Dentro de toda a alma existe a prova De que a dor como um darto se renova, Quando o prazer barbaramente a ataca... Assim também, observa a ciência crua, Dentro da elipse ignívoma da lua A realidade de uma esfera opaca.

Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa, Abranda as rochas rígidas, torna água Todo o fogo telúrico profundo E reduz, sem que, entanto, a desintegre, À condição de uma planície alegre, A aspereza orográfica do mundo!

Provo desta maneira ao mundo odiento Pelas grandes razões do sentimento, Sem os métodos da abstrusa ciência fria E os trovões gritadores da dialética, Que a mais alta expressão da dor estética Consiste essencialmente na alegria.

Continua o martírio das criaturas: — O homicídio nas vielas mais escuras, — O ferido que a hostil gleba atra escarva, — O último solilóquio dos suicidas — E eu sinto a dor de todas essas vidas Em minha vida anônima de larva!”

Disse isto a Sombra. E, ouvindo estes vocábulos, Da luz da lua aos pálidos venábulos, Na ânsia de um nervosíssimo entusiasmo, Julgava ouvir monótonas corujas, Executando, entre caveiras sujas, A orquestra arrepiadora do sarcasmo!

Era a elegia panteísta do Universo, Na podridão do sangue humano imerso, Prostituído talvez, em suas bases... Era a canção da Natureza exausta, Chorando e rindo na ironia infausta Da incoerência infernal daquelas frases.

E o turbilhão de tais fonemas acres Trovejando grandíloquos massacres, Há de ferir-me as auditivas portas, Até que minha efêmera cabeça Reverta à quietação da treva espessa E à palidez das fotosferas mortas!

## **Agonia de um filósofo**

Consulto o Phtah-Hotep. Leio o obsoleto Rig-Veda. E, ante obras tais, me não consolo... O Inconsciente me assombra e eu nele rolo Com a eólica fúria do harmatã inquieto!

Assisto agora à morte de um inseto!... Ah! todos os fenômenos do solo Parecem realizar de polo a polo O ideal de Anaximandro de Mileto!

No hierático areópago heterogêneo Das ideias, percorro como um gênio Desde a alma de Haeckel à alma cenobial!...

Rasgo dos mundos o velário espesso; E em tudo, igual a Goethe, reconheço O império da *substância universal*!

## O morcego

Meia-noite. Ao meu quarto me recolho. Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede: Na bruta ardência orgânica da sede, Morde-me a goela ígneo e escaldante molho.

“Vou mandar levantar outra parede...” — Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho, Circularmente sobre a minha rede!

Pego de um pau. Esforços faço. Chego A tocá-lo. Minh'alma se concentra. Que ventre produziu tão feio parto?!

A Consciência Humana é este morcego! Por mais que a gente faça, à noite, ele entra Imperceptivelmente em nosso quarto!

## Psicologia de um vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco, Monstro de escuridão e rutilância, Sofro, desde a epigênese da infância, A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco, Este ambiente me causa repugnância... Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas — Que o sangue podre das carnificinas Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los, E há de deixar-me apenas os cabelos, Na frialdade inorgânica da terra!

## A ideia

De onde ela vem?! De que matéria bruta Vem essa luz que sobre as nebulosas Cai de incógnitas criptas misteriosas Como as estalactites duma gruta?!

Vem da psicogenética e alta luta Do feixe de moléculas nervosas, Que, em desintegrações maravilhosas, Delibera, e depois, quer e executa!

Vem do encéfalo absconso que a constribe, Chega em seguida às cordas do laringe, Tísica, tênue, mínima, raquítica...

Quebra a força centrípeta que a amarra, Mas, de repente, e quase morta, esbarra No molambo da língua paralítica!

## O lázaro da pátria

Filho podre de antigos Goitacases, Em qualquer parte onde a cabeça  
ponha, Deixa circunferências de peçonha, Marcas oriundas de úlceras  
e antrazes.

Todos os cinocéfalos vorazes Cheiram seu corpo. À noite, quando  
sonha, Sente no tórax a pressão medonha Do bruto embate férreo  
das tenazes.

Mostra aos montes e aos rígidos rochedos A hedionda elefantíase dos  
dedos... Há um cansaço no Cosmos... Anoitece.

Riem as meretrizes no Cassino, E o Lázaro caminha em seu destino  
Para um fim que ele mesmo desconhece!

## Idealização da humanidade futura

Rugia nos meus centros cerebrais A multidão dos séculos futuros —  
Homens que a herança de ímpetos impuros Tornara etnicamente irra-  
cionais! —

Não sei que livro, em letras garrafais, Meus olhos liam! No húmus dos  
monturos, Realizavam-se os partos mais obscuros, Dentre as genea-  
logias animais!

Como quem esmigalha protozoários Meti todos os dedos mercenários  
Na consciência daquela multidão...

E, em vez de achar a luz que os Céus inflama, Somente achei molé-  
culas de lama E a mosca alegre da putrefação!

## Soneto

Ao meu primeiro filho nascido morto com 7 meses incompletos. 2  
fevereiro 1911.

Agregado infeliz de sangue e cal, Fruto rubro de carne agonizante,  
Filho da grande força fecundante De minha brônzea trama neuronal,

Que poder embriológico fatal Destruiu, com a sinergia de um gigante,  
Em tua *morfogênese* de infante A minha *morfogênese* ancestral?!

Porção de minha plásmica substância, Em que lugar irás passar a  
infância, Tragicamente anônimo, a feder?!...

Ah! Possas tu dormir, feto esquecido, Panteisticamente dissolvido Na  
*noumenalidade* do não ser!

## Versos a um cão

Que força pôde, adstrita a embriões informes, Tua garganta estúpida  
arrancar Do segredo da célula ovular Para latir nas solidões enormes?!

Esta obnóxia inconsciência, em que tu dormes, Suficientíssima é, para  
provar A incógnita alma, avoenga e elementar Dos teus antepassados  
vermiformes.

Cão! — Alma de inferior rapsodo errante! Resigna-a, ampara-a,  
arrima-a, afaga-a, acode-a A escala dos latidos ancestrais...

E irá assim, pelos séculos, adiante, Latindo a esquisitíssima prosódia  
Da angústia hereditária dos teus pais!

## O deus-verme

Fator universal do transformismo. Filho da teleológica matéria, Na  
superabundância ou na miséria, *Verme* — é o seu nome obscuro de  
batismo.

Jamais emprega o acérrimo exorcismo Em sua diária ocupação funé-  
rea, E vive em contubérnio com a bactéria, Livre das roupas do antro-  
pomorfismo.

Almoça a podridão das drupas agras, Janta hidrónicos, rói vísceras  
magras E dos defuntos novos incha a mão...

Ah! Para ele é que a carne podre fica, E no inventário da matéria rica  
Cabe aos seus filhos a maior porção!

## Debaixo do tamarindo

No tempo de meu Pai, sob estes galhos, Como uma vela fúnebre de  
cera, Chorei bilhões de vezes com a canseira De inexorabilíssimos  
trabalhos!

Hoje, esta árvore, de amplos agasalhos, Guarda, como uma caixa  
derradeira, O passado da Flora Brasileira E a paleontologia dos Car-  
valhos!

Quando pararem todos os relógios De minha vida, e a voz dos necro-  
lógios Gritar nos noticiários que eu morri,

Voltando à pátria da homogeneidade, Abraçada com a própria Eterni-  
dade A minha sombra há de ficar aqui!

## As cismas do destino

I

Recife, Ponte Buarque de Macedo. Eu, indo em direção à casa do Agra, Assombrado com a minha sombra magra, Pensava no Destino, e tinha medo!

Na austera abóbada alta o fósforo alvo Das estrelas luzia... O calçamento Sáxeo, de asfalto rijo, atro e vidrento, Copiava a polidez de um crânio calvo.

Lembro-me bem. A ponte era comprida, E a minha sombra enorme enchia a ponte, Como uma pele de rinoceronte Estendida por toda a minha vida!

A noite fecundava o ovo dos vícios Animais. Do carvão da treva imensa Caía um ar danado de doença Sobre a cara geral dos edifícios!

Tal uma horda feroz de cães famintos, Atravessando uma estação deserta, Uivava dentro do *eu*, com a boca aberta, A matilha espantada dos instintos!

Era como se, na alma da cidade, Profundamente lúbrica e revolta, Mostrando as carnes, uma besta solta Soltasse o berro da animalidade.

E aprofundando o raciocínio obscuro, Eu vi, então, à luz de áureos reflexos, O trabalho genésico dos sexos, Fazendo à noite os homens do Futuro.

Livres de microscópios e scalpelos, Dançavam, parodiando saraus cínicos, Bilhões de *centrossomas* apolínicos Na câmara promíscua do *vitellus*.

Mas, a irritar-me os globos oculares, Apregoando e alardeando a cor nojenta, Fetos magros, ainda na placenta, Estendiam-me as mãos rudimentares!

Mostravam-me o apriorismo incognoscível Dessa fatalidade igualitária, Que fez minha família originária Do antro daquela fábrica terrível!

A corrente atmosférica mais forte Zunia. E, na ígnea crosta do Cruzeiro, Julgava eu ver o fúnebre candeeiro Que há de me alumiar na hora da morte.

Ninguém compreendia o meu soluço, Nem mesmo Deus! Da roupa pelas brechas, O vento bravo me atirava flechas E aplicações hiemais de gelo russo.

A vingança dos mundos astronômicos Enviava à terra extraordinária  
faca, Posta em rija adesão de goma laca Sobre os meus elementos  
anatômicos.

Ah! Com certeza, Deus me castigava! Por toda a parte, como um réu  
confesso, Havia um juiz que lia o meu processo E uma força especial  
que me esperava!

Mas o vento cessara por instantes Ou, pelo menos, o *ignis sapiens* do  
Orco Abafava-me o peito arqueado e porco Num núcleo de substân-  
cias abrasantes.

É bem possível que eu um dia cegue. No ardor desta letal tórrida  
zona, A cor do sangue é a cor que me impressiona E a que mais neste  
mundo me persegue!

Essa obsessão cromática me abate. Não sei por que me vêm sempre  
à lembrança O estômago esfaqueado de uma criança E um pedaço  
de víscera escarlate.

Quisera qualquer coisa provisória Que a minha cerebral caverna en-  
trasse, E até o fim, cortasse e recortasse A faculdade aziaga da me-  
mória.

Na ascensão barométrica da calma, Eu bem sabia, ansiado e contra-  
feito, Que uma população doente do peito Tossia sem remédio na  
minh'alma!

E o cuspo que essa hereditária tosse Golfava, à guisa de ácido resíduo,  
Não era o cuspo só de um indivíduo Minado pela tísica precoce.

Não! Não era o meu cuspo, com certeza Era a expectoração pútrida  
e crassa Dos brônquios pulmonares de uma raça Que violou as leis  
da Natureza!

Era antes uma tosse ubíqua, estranha, Igual ao ruído de um calhau  
redondo Arremessado no apogeu do estrondo, Pelos fundibulários da  
montanha!

E a saliva daqueles infelizes Inchava, em minha boca, de tal arte,  
Que eu, para não cuspir por toda a parte, Ia engolindo, aos poucos, a  
*hemoptísis*!

Na alta alucinação de minhas cismas O microcosmos líquido da gota  
Tinha a abundância de uma artéria rota, Arrebentada pelos aneuris-  
mas.

Chegou-me o estado máximo da mágoa! Duas, três, quatro, cinco,  
seis e sete Vezes que eu me furei com um canivete, A hemoglobina  
vinha cheia de água!



Cuspo, cujas caudais meus beijos regam, Sob a forma de mínimas camândulas, Benditas sejam todas essas glândulas, Que, quotidianamente, te segregam!

Escarrar de um abismo noutro abismo, Mandando ao Céu o fumo de um cigarro, Há mais filosofia neste escarro Do que em toda a moral do Cristianismo!

Porque, se no orbe oval que os meus pés tocam Eu não deixasse o meu cuspo carrasco, Jamais exprimiria o acérrimo asco Que os cana-lhas do mundo me provocam!

## II

Foi no horror dessa noite tão funérea Que eu descobri, maior talvez que Vinci, Com a força visualística do lince, A falta de unidade na matéria!

Os esqueletos desarticulados, Livres do acre fedor das carnes mortas, Rodopiavam, com as brancas tíbias tortas, Numa dança de números quebrados!

Todas as divindades malfazejas, Siva e Arimã, os duendes, o In e os trasgos, Imitando o barulho dos engasgos, Davam pancadas no adro das igrejas.

Nessa hora de monólogos sublimes, A companhia dos ladrões da noite, Buscando uma taverna que os acoite, Vai pela escuridão pensando crimes.

Perpetravam-se os atos mais funestos, E o luar, da cor de um doente de icterícia, Iluminava, a rir, sem pudicícia, A camisa vermelha dos incestos.

Ninguém, de certo, estava ali, a espiar-me, Mas um lampião, lembrava ante o meu rosto, Um sugestionador olho, ali posto De propósito, para hipnotizar-me!

Em tudo, então, meus olhos distinguiram Da miniatura singular de uma aspa, À anatomia mínima da caspa, Embriões de mundos que não progrediram!

Pois quem não vê aí, em qualquer rua, Com a fina nitidez de um claro jorro, Na paciência budista do cachorro A alma embrionária que não continua?!

Ser cachorro! Ganir incompreendidos Verbos! Querer dizer-nos que não finge, E a palavra embrulhar-se na laringe, Escapando-se apenas em latidos!

Despir a putrescível forma tosca, Na atra dissolução que tudo inverte,  
Deixar cair sobre a barriga inerte O apetite necrófago da mosca!

A alma dos animais! Pego-a, distingo-a, Acho-a nesse interior duelo  
secreto Entre a ânsia de um vocábulo completo E uma expressão que  
não chegou à língua!

Surpreendo-a em quatrilhões de corpos vivos, Nos antiperistálticos  
abalos Que produzem nos bois e nos cavalos A contração dos gritos  
instintivos!

Tempo viria, em que, daquele horrendo Caos de corpos orgânicos dis-  
formes Rebentariam cérebros enormes, Como bolhas febris de água,  
fervendo!

Nessa época que os sábios não ensinam, A pedra dura, os montes  
argilosos Criariam feixes de cordões nervosos E o neuroplasma dos  
que raciocinam!

Almas pigmeias! Deus subjuga-as, cinge-as À imperfeição! Mas vem  
o Tempo, e vence-O, E o meu sonho crescia no silêncio, Maior que as  
epopeias carolíngias!

Era a revolta trágica dos tipos Ontogênicos mais elementares, Desde  
os foraminíferos dos mares À grei liliputiana dos pólipos.

Todos os personagens da tragédia, Cansados de viver na paz de Buda,  
Pareciam pedir com a boca muda A ganglionária célula intermédia.

A planta que a canícula ígnea torra, E as coisas inorgânicas mais nulas  
Apregoavam encéfalos, medulas Na alegria guerreira da desforra!

Os protistas e o obscuro acervo rijo Dos espongiários e dos infusó-  
rios Recebiam com os seus órgãos sensórios O triunfo emocional do  
regozijo!

E apesar de já não ser assim tão tarde, Aquela humanidade parasita,  
Como um bicho inferior, berrava, aflita, No meu temperamento de  
covarde!

Mas, refletindo, a sós, sobre o meu caso, Vi que, igual a um amniota  
subterrâneo, Jazia atravessada no meu crânio A intercessão fatídica  
do atraso!

A hipótese genial do *microzima* Me estrangulava o pensamento  
guapo, E eu me encolhia todo como um sapo Que tem um peso  
incômodo por cima!

Nas agonias do *delirium tremens*, Os bêbedos alvares que me olha-  
vam, Com os copos cheios esterilizavam A substância prolífica dos  
semens!

Enterravam as mãos dentro das goelas, E sacudidos de um tremor indômito Expeliam, na dor forte do vômito, Um conjunto de gosmas amarelas.

Iam depois dormir nos lupanares Onde, na glória da concupiscência, Depositavam quase sem consciência As derradeiras forças musculares.

Fabricavam destarte os blastodermas, Em cujo repugnante receptáculo Minha perscrutação via o espetáculo De uma progênie idiota de palermas.

Prostituição ou outro qualquer nome, Por tua causa, embora o homem te aceite, É que as mulheres ruins ficam sem leite E os meninos sem pai morrem de fome!

Por que há de haver aqui tantos enterros?! Lá no “Engenho” também, a morte é ingrata... Há o malvado carbúnculo que mata A sociedade infante dos bezerros!

Quantas moças que o túmulo reclama! E após a podridão de tantas moças, Os porcos espojando-se nas poças Da virgindade reduzida à lama!

Morte, ponto final da última cena, Forma difusa da matéria imbele, Minha filosofia te repele, Meu raciocínio enorme te condena!

Diante de ti, nas catedrais mais ricas, Rolam sem eficácia os amuletos, Oh! Senhora dos nossos esqueletos E das caveiras diárias que fabricas!

E eu desejava ter, numa ânsia rara, Ao pensar nas pessoas que perdera, A inconsciência das máscaras de cera Que a gente prega, como um cordão, na cara!

Era um sonho ladrão de submergir-me Na vida universal, e, em tudo imerso, Fazer da parte abstrata do Universo, Minha morada equilibrada e firme!

Nisto, pior que o remorso do assassino, Reboou, tal qual, num fundo de caverna, Numa impressionadora voz interna, O eco particular do meu Destino:

### III

”Homem! por mais que a Ideia desintegres, Nessas perquisições que não têm pausa, Jamais, magro homem, saberás a causa De todos os fenômenos alegres!

Em vão, com a bronca enxada árdega, sondas A estéril terra, e a hialina lâmpada oca, Trazes, por perscrutar (oh! ciência louca!) O

conteúdo das lágrimas hediondas.

Negro e sem fim é esse em que te mergulhas Lugar do Cosmos, onde  
a dor infrene É feita como é feito o querosene Nos recôncavos úmidos  
das hulhas!

Porque, para que a Dor perscrutes, fora Mister que, não como és, em  
síntese, antes Fosses, a refletir teus semelhantes, A própria humani-  
dade sofredora!

A universal complexidade é que Ela Compreende. E se, por vezes, se  
divide, Mesmo ainda assim, seu todo não reside No quociente isolado  
da parcela!

Ah! Como o ar imortal a Dor não finda! Das papilas nervosas que  
há nos tatos Veio e vai desde os tempos mais transatos Para outros  
tempos que hão de vir ainda!

Como o machucamento das insônias Te estraga, quando toda a estu-  
ada Ideia Dás ao sôfrego estudo da ninfeia E de outras plantas dicoti-  
ledôneas!

A diáfana água alvíssima e a horrída áscua Que da ígnea flama bruta,  
estriada, espirra; A formação molecular da mirra, O cordeiro simbólico  
da Páscoa;

As rebeladas cóleras que rugem No homem civilizado, e a ele se pren-  
dem Como às pulseiras que os mascates vendem A aderência teimosa  
da ferrugem;

O orbe feraz que bastos tojos acres Produz; a rebelião que, na batalha,  
Deixa os homens deitados, sem mortalha, Na sangueira concreta dos  
massacres;

Os sanguinolentíssimos chicotes Da hemorragia; as nódoas mais es-  
pessas, O achatamento ignóbil das cabeças, Que ainda degrada os  
povos hotentotes;

O Amor e a Fome, a fera ultriz que o fojo Entra, à espera que a mansa  
vítima o entre, — Tudo que gera no materno ventre A causa fisiológica  
do nojo;

As pálpebras inchadas na vigília, As aves moças que perderam a asa,  
O fogão apagado de uma casa, Onde morreu o chefe da família;

O trem particular que um corpo arrasta Sinistramente pela via férrea,  
A cristalização da massa térrea, O tecido da roupa que se gasta;

A água arbitrária que hiulcos caules grossos Carrega e come; as ne-  
gras formas feias Dos aracnídeos e das centopeias, O fogo-fátuo que  
ilumina os ossos;

As projeções flamívoras que ofuscam, Como uma pincelada rembrandtesca, A sensação que uma coalhada fresca Transmite às mãos nervosas dos que a buscam;

O antagonismo de Tifon e Osíris, O homem grande oprimindo o homem pequeno, A lua falsa de um parasseleno, A mentira meteórica do arco-íris;

Os terremotos que, abalando os solos, Lembram paíóis de pólvora explodindo, A rotação dos fluidos produzindo A depressão geológica dos polos;

O instinto de procriar, a ânsia legítima Da alma, afrontando ovante aziagos riscos, O juramento dos guerreiros priscos Metendo as mãos nas glândulas da vítima;

As diferenciações que o psicoplasma Humano sofre na mania mística, A pesada opressão característica Dos 10 minutos de um acesso de asma;

E, (conquanto contra isto ódios regougues) A utilidade fúnebre da corda Que arrasta a rês, depois que a rês engorda, À morte desgraçada dos açougues...

Tudo isto que o terráqueo abismo encerra Forma a complicação desse barulho Travado entre o dragão do humano orgulho E as forças inorgânicas da terra!

Por descobrir tudo isso, embalde cansas! Ignoto é o gérmen dessa força ativa Que engendra, em cada célula passiva, A heterogeneidade das mudanças!

Poeta, feto malsão, criado com os sucos De um leite mau, carnívoro asqueroso, Gerado no atavismo monstruoso Da alma desordenada dos malucos;

Última das criaturas inferiores Governada por átomos mesquinhos, Teu pé mata a uberdade dos caminhos E esteriliza os ventres geradores!

O áspero mal que a tudo, em torno, traz, Análogo é ao que, negro e a seu turno, Traz o ávido filóstomo noturno Ao sangue dos mamíferos vorazes!

Ah! Por mais que, com o espírito, trabalhes A perfeição dos seres existentes, Hás de mostrar a cárie dos teus dentes Na anatomia horrenda dos detalhes!

O Espaço — esta abstração spencereana Que abrange as relações de coexistência É só! Não tem nenhuma dependência Com as vértebras mortais da espécie humana!

As radiantes elipses que as estrelas Traçam, e ao espectador falsas  
se antolham São verdades de luz que os homens olham Sem poder,  
no entretanto, compreendê-las.

Em vão, com a mão corrupta, outro éter pedes Que essa mão, de  
esqueléticas falanges, Dentro dessa água que com a vista abranges,  
Também prova o princípio de Arquimedes!

A fadiga feroz que te esborda Há de deixar-te essa medonha marca,  
Que, nos corpos inchados de anasarca, Deixam os dedos de qualquer  
pessoa!

Nem terás no trabalho que tiveste A misericordiosa toalha amiga, Que  
afaga os homens doentes de bexiga E enxuga, à noite, as pústulas da  
peste!

Quando chegar depois a hora tranquila, Tu serás arrastado, na car-  
reira, Como um cepo inconsciente de madeira Na evolução orgânica  
da argila!

Um dia comparado com um milênio Seja, pois, o teu último Evan-  
gelho... É a evolução do novo para o velho E do homogêneo para o  
heterogêneo!

Adeus! Fica-te aí, com o abdômen largo A apodrecer!... És poeira, e  
embalde vibras! O corvo que comer as tuas fibras Há de achar nelas  
um sabor amargo!"

#### **IV**

Calou-se a voz. A noite era funesta. E os queixos, a exhibir trismos  
danados, Eu puxava os cabelos desgrenhados Como o rei Lear, no  
meio da floresta!

Maldizia, com apóstrofes veementes, No estentor de mil línguas insur-  
retas, O convencionalismo das Pandetas E os textos maus dos códigos  
recentes!

Minha imaginação atormentada Paria absurdos... Como diabos juntos,  
Perseguiam-me os olhos dos defuntos Com a carne da esclerótica es-  
verdeada.

Secara a clorofila das lavouras. Igual aos sustentidos de uma endecha  
Vinha-me às cordas glóticas a queixa Das coletividades sofredoras.

O mundo resignava-se invertido Nas forças principais do seu traba-  
lho... A gravidade era um princípio falho, A análise espectral tinha  
mentido!

O Estado, a Associação, os Municípios Eram mortos. De todo aquele

mundo Restava um mecanismo moribundo E uma teleologia sem princípios.

Eu queria correr, ir para o inferno, Para que, da psique no oculto jogo, Morressem sufocadas pelo fogo Todas as impressões do mundo externo!

Mas a Terra negava-me o equilíbrio... Na Natureza, uma mulher de luto Cantava, espiando as árvores sem fruto. A canção prostituta do ludíbrio!

## **Budismo moderno**

Tome, Dr., esta tesoura, e... corte Minha singularíssima pessoa. Que importa a mim que a bicharia roa Todo o meu coração, depois da morte?!

Ah! Um urubu pousou na minha sorte! Também, das diatomáceas da lagoa A criptógama cápsula se esbroa Ao contato de bronca destra forte!

Dissolva-se, portanto, minha vida Igualmente a uma célula caída Na aberração de um óvulo infecundo;

Mas o agregado abstrato das saudades Fique batendo nas perpétuas grades Do último verso que eu fizer no mundo!

## **Sonho de um monista**

Eu e o esqueleto esquelido de Esquilo Viajávamos, com uma ânsia sibarita, Por toda a pró-dinâmica infinita, Na inconsciência de um zoófito tranquilo.

A verdade espantosa do *Protilo* Me aterrava, mas dentro da alma aflita Via Deus — essa mônada esquisita — Coordenando e animando tudo aquilo!

E eu bendizia, com o esqueleto ao lado, Na guturalidade do meu brado, Alheio ao velho cálculo dos dias,

Como um pagão no altar de Proserpina, A energia intracósmica divina Que é o pai e é a mãe das outras energias!

## Solitário

Como um fantasma que se refugia Na solidão da natureza morta, Por trás dos ermos túmulos, um dia, Eu fui refugiar-me à tua porta!

Fazia frio e o frio que fazia Não era esse que a carne nos conforta... Cortava assim como em carniçaria O aço das facas incisivas corta!

Mas tu não vieste ver minha Desgraça! E eu saí, como quem tudo repele, — Velho caixão a carregar destroços —

Levando apenas na tumbal carcaça O pergaminho singular da pele E o chocalho fatídico dos ossos!

## *Mater originalis*

Forma vermicular desconhecida Que estacionaste, mísera e mofina, Como quase impalpável gelatina, Nos estados prodrômicos da vida;

O hierofante que leu a minha sina Ignorante é de que és, talvez, nascida Dessa homogeneidade indefinida Que o insigne Herbert Spencer nos ensina.

Nenhuma ignota união ou nenhum nexo À contingência orgânica do sexo A tua estacionária alma prendeu...

Ah! De ti foi que, autônoma e sem normas, Oh! Mãe original das outras formas, A minha forma lúgubre nasceu!

## O lupanar

Ah! Por que monstruosíssimo motivo Prenderam para sempre, nesta rede, Dentro do ângulo diedro da parede, A alma do homem polígamo e lascivo?!

Este lugar, moços do mundo, vede: É o grande bebedouro coletivo, Onde os bandalhos, como um gado vivo, Todas as noites, vêm matar a sede!

É o afrodístico leite do hetairismo, A antecâmara lúbrica do abismo, Em que é mister que o gênero humano entre,

Quando a promiscuidade aterradora Matar a última força geradora E comer o último óvulo do ventre!



## Idealismo

Falas de amor, e eu ouço tudo e calo! O amor na Humanidade é uma mentira. É. E é por isso que na minha lira De amores fúteis poucas vezes falo.

O amor! Quando virei por fim a amá-lo?! Quando, se o amor que a Humanidade inspira É o amor do sibarita e da hetaíra, De Messalina e de Sardanapalo?!

Pois é mister que, para o amor sagrado, O mundo fique imaterializado — Alavanca desviada do seu fulcro —

E haja só amizade verdadeira Duma caveira para outra caveira, Do meu sepulcro para o teu sepulcro?!

## Último credo

Como ama o homem adúltero o adultério E o ébrio a garrafa tóxica de rum, Amo o coveiro — este ladrão comum Que arrasta a gente para o cemitério!

É o transcendentalíssimo mistério! É o *nous*, é o *pneuma*, é o *ego sum qui sum*, É a morte, é esse danado número *Um* Que matou Cristo e que matou Tibério!

Creio, como o filósofo mais crente, Na generalidade decrescente Com que a substância cósmica evolui...

Creio, perante a evolução imensa, Que o homem universal de amanhã vença O homem particular que eu ontem fui!

## O caixão fantástico

Célere ia o caixão, e, nele, inclusas, Cinzas, caixas cranianas, cartilagens Oriundas, como os sonhos dos selvagens, De aberratórias abstrações abstrusas!

Nesse caixão iam talvez as Musas, Talvez meu Pai! Hoffmânnicas visagens Enchiam meu encéfalo de imagens As mais contraditórias e confusas!

A energia monística do Mundo, À meia-noite, penetrava fundo No meu fenomenal cérebro cheio...

Era tarde! Fazia muito frio. Na rua apenas o caixão sombrio Ia continuando o seu passeio!

## **Solilóquio de um visionário**

Para desvirginar o labirinto Do velho e metafísico Mistério, Comi meus olhos crus no cemitério, Numa antropofagia de faminto!

A digestão desse manjar funéreo Tornado sangue transformou-me o instinto De humanas impressões visuais que eu sinto, Nas divinas visões do íncola etéreo!

Vestido de hidrogênio incandescente, Vaguei um século, improficua-mente, Pelas monotonias siderais...

Subi talvez às máximas alturas, Mas, se hoje volto assim, com a alma às escuras, É necessário que inda eu suba mais!

## **A um carneiro morto**

Misericordiosíssimo carneiro Esquartejado, a maldição de Pio Décimo caia em teu algoz sombrio E em todo aquele que for seu herdeiro!

Maldito seja o mercador vadio Que te vender as carnes por dinheiro, Pois tua lâ aquece o mundo inteiro E guarda as carnes dos que estão com frio!

Quando a faca rangeu no teu pescoço, Ao monstro que espremeu teu sangue grosso Teus olhos — fontes de perdão — perdoaram!

Oh! tu que no Perdão eu simbolizo, Se fosses Deus, no Dia do Juízo, Talvez perdoasses os que te mataram!

## **Vozes da morte**

Agora, sim! Vamos morrer, reunidos, Tamarindo de minha desventura, Tu, com o envelhecimento da nervura, Eu, com o envelhecimento dos tecidos!

Ah! Esta noite é a noite dos Vencidos! E a podridão, meu velho! E essa futura Ultrafatalidade de ossatura, A que nos acharemos reduzidos!

Não morrerão, porém, tuas sementes! E assim, para o Futuro, em diferentes Florestas, vales, selvas, glebas, trilhos,

Na multiplicidade dos teus ramos, Pelo muito que em vida nos amamos, Depois da morte, inda teremos filhos!

## **Insânia de um simples**

Em cismas patológicas insanas, É-me grato adstringir-me, na hierarquia Das formas vivas, à categoria Das organizações liliputianas;

Ser semelhante aos zoófitos e às lianas, Ter o destino de uma larva fria, Deixar enfim na cloaca mais sombria Este feixe de células humanas!

E enquanto arremedando Éolo iracundo, Na orgia heliogabálica do mundo, Ganem todos os vícios de uma vez,

Apraz-me, adstrito ao triângulo mesquinho De um delta humilde, apodrecer sozinho No silêncio de minha pequenez!

## **Os doentes**

### **I**

Como uma cascavel que se enroscava, A cidade dos lázaros dormia...  
Somente, na metrópole vazia, Minha cabeça autônoma pensava!

Mordia-me a obsessão má de que havia, Sob os meus pés, na terra onde eu pisava, Um fígado doente que sangrava E uma garganta órfã que gemia!

Tentava compreender com as conceptivas Funções do encéfalo as substâncias vivas Que nem Spencer, nem Haeckel compreenderam...

E via em mim, coberto de desgraças, O resultado de bilhões de raças Que há muitos anos desapareceram!

### **II**

Minha angústia feroz não tinha nome. Ali, na urbe natal do Desconsolo, Eu tinha de comer o último bolo Que Deus fazia para a minha fome!

Convulso, o vento entoava um pseudosalmo. Contrastando, entretanto, com o ar convulso A noite funcionava como um pulso Fisiologicamente muito calmo.

Caíam sobre os meus centros nervosos, Como os pingos ardentes de cem velas, O uivo desenganado das cadelas E o gemido dos homens bexigotos.

Pensava! E em que eu pensava, não perguntes! Mas, em cima de um tumulto, um cachorro Pedia para mim água e socorro À comiseração dos transeuntes!

Bruto, de errante rio, alto e horrído, o urro Reboava. Além jazia aos pés da serra, Criando as superstições de minha terra, A queixada específica de um burro!

Gordo adubo de agreste urtiga brava, Benigna água, magnânima e magnífica, Em cuja álgida unção, branda e beatífica, A Paraíba indígena se lava!

A manga, a ameixa, a amêndoa, a abóbora, o álamo E a câmara odorífera dos sumos Absorvem diariamente o ubérrimo húmus Que Deus espalha à beira do seu tálamo!

Nos de teu curso desobstruídos trilhos, Apenas eu compreendo, em quaisquer horas, O hidrogênio e o oxigênio que tu choras Pelo falecimento dos teus filhos!

Ah! Somente eu compreendo, satisfeito, A incógnita psiquê das massas mortas Que dormem, como as ervas, sobre as hortas, Na esteira igualitária do teu leito!

O vento continuava sem cansaço E enchia com a fluidez do eólico hissope Em seu fantasmagórico galope A abundância geométrica do espaço.

Meu ser estacionava, olhando os campos Circunjacentes. No Alto, os astros miúdos Reduziam os Céus sérios e rudos A uma epiderme cheia de sarampos!

### III

Dormia embaixo, com a promíscua véstia No embotamento crasso dos sentidos, A comunhão dos homens reunidos Pela camaradagem da moléstia.

Feriam-me o nervo óptico e a retina Aponevroses e tendões de Aquiles, Restos repugnantíssimos de bílis, Vômitos impregnados de ptialina.

Da degenerescência étnica do Ária Se escapava, entre estrépitos e estouros, Reboando pelos séculos vindouros, O ruído de uma tosse hereditária.

Oh! desespero das pessoas tísicas, Adivinhando o frio que há nas lousas, Maior felicidade é a destas cousas Submetidas apenas às leis físicas!

Estas, por mais que os cardos grandes rocem Seus corpos brutos, dores não recebem; Estas dos bacalhaus o óleo não bebem, Estas não cospem sangue, estas não tosem!

Descender dos macacos catarríneos, Cair doente e passar a vida inteira Com a boca junto de uma escarradeira, Pintando o chão de coágulos sanguíneos!

Sentir, adstritos ao quimiotropismo Erótico, os micróbios assanhados Passearem, como inúmeros soldados, Nas cancerosidades do organismo!

Falar somente uma linguagem rouca. Um português cansado e incompreensível, Vomitar o pulmão na noite horrível Em que se deita sangue pela boca!

Expulsar, aos bocados, a existência Numa bacia autômata de barro, Alucinado, vendo em cada escarro O retrato da própria consciência!

Querer dizer a angústia de que é pábulo, E com a respiração já muito fraca Sentir como que a ponta de uma faca, Cortando as raízes do último vocábulo.

Não haver terapêutica que arranque Tanta opressão como se, com efeito, Lhe houvessem sacudido sobre o peito A máquina pneumática de Bianchi!

E o ar fugindo e a Morte a arca da tumba A erguer, como um cronômetro gigante, Marcando a transição emocionante Do lar materno para a catacumba!

Mas vos não lamenteis, magras mulheres, Nos ardores danados da febre hética, Consagrando vossa última fonética A uma recitação de misereres.

Antes levardes ainda uma quimera Para a garganta onívora das lajes Do que morrerdes, hoje, urrando ultrajes Contra a dissolução que vos espera!

Porque a morte, resfriando-vos o rosto, Consoante a minha concepção vesânica, É a alfândega, onde toda a vida orgânica Há de pagar um dia o último imposto!

#### **IV**

Começara a chover. Pelas algentes Ruas, a água, em cachoeiras desobstruídas, Encharcava os buracos das feridas, Alagava a medula dos Doentes!

Do fundo do meu trágico destino, Onde a Resignação os braços cruza, Saía, com o vexame de uma fusa, A mágoa gaguejada de um cretino.

Aquele ruído obscuro de gagueira Que à noite, em sonhos mórbidos, me acorda, Vinha da vibração bruta da corda Mais recôndita da alma brasileira!

Aturdia-me a tétrica miragem De que, naquele instante, no Amazo-  
nas, Fedia, entregue a vísceras gluttonas, A carcaça esquecida de um  
selvagem.

A civilização entrou na taba Em que ele estava. O gênio de Colombo  
Manchou de opróbrios a alma do *mazombo*, Cuspiu na cova do *moru-  
bixaba*!

E o índio, por fim, adstrito à étnica escória, Recebeu, tendo o horror  
no rosto impresso, Esse achincalhamento do progresso Que o anulava  
na crítica da História!

Como quem analisa um apostema, De repente, acordando na des-  
graça, Viu toda a podridão de sua raça Na tumba de Iracema!...

Ah! Tudo, como um lúgubre ciclone, Exercia sobre ele ação funesta  
Desde o desbravamento da floresta À ultrajante invenção do telefone.

E sentia-se pior que um vagabundo Microcéfalo vil que a espécie  
encerra Desterrado na sua própria terra, Diminuído na crônica do  
mundo!

A hereditariedade dessa pecha Seguiria seus filhos. Dora em diante  
Seu povo tombaria agonizante Na luta da espingarda com a flecha!

Veio-lhe então como à fêmea vêm antojos, Uma desesperada ânsia  
improfcua De estrangular aquela gente iníqua Que progredia sobre  
os seus despojos!

Mas, diante a xantocroide raça loura, Jazem, caladas, todas as inú-  
bias, E agora, sem difíceis nuances dúbias, Com uma clarividência  
aterradora,

Em vez da prisca tribo e indiana tropa A gente deste século, espan-  
tada, Vê somente a caveira abandonada De uma raça esmagada pela  
Europa!

## V

Era a hora em que arrastados pelos ventos, Os fantasmas hamléticos  
dispersos Atiram na consciência dos perversos A sombra dos remor-  
sos famulentos.

As mães sem coração rogavam pragas Aos filhos bons. E eu, roído  
pelos medos, Batia com o pentágono dos dedos Sobre um fundo hi-  
potético de chagas!

Diabólica dinâmica daninha Oprimia meu cérebro indefeso Com a  
força onerosíssima de um peso Que eu não sabia mesmo de onde  
vinha.

Perfurava-me o peito a áspera pua Do desânimo negro que me prostra,  
E quase a todos os momentos mostra Minha caveira aos bêbedos da  
rua.

Hereditariedades polítícas Punham na minha boca putrescível Inter-  
jeições de abracadabra horrível E os verbos indignados das Filípicas.

Todos os vocativos dos blasfemos, No horror daquela noite monstros-  
osa, Maldiziam, com voz estentorosa, A peçonha inicial de onde nas-  
cemos.

Como que havia na ânsia de conforto De cada ser, ex.: o homem e  
o ódio, Uma necessidade de suicídio E um desejo incoercível de ser  
morto!

Naquela angústia absurda e tragicômica Eu chorava, rolando sobre o  
lixo, Com a contorção neurótica de um bicho Que ingeriu 30 gramas  
de nux-vômica.

E, como um homem doido que se enforca, Tentava, na terráquea su-  
perfície, Consubstanciar-me todo com a imundície, Confundir-me com  
aquela coisa porca!

Vinha, às vezes, porém, o anelo instável De, com o auxílio especial  
do osso masseter Mastigando homeomérias neutras de éter Nutrir-me  
da matéria imponderável.

Anelava ficar um dia, em suma, Menor que o anfióxus e inferior à tê-  
nia, Reduzido à plastídula homogênea, Sem diferenciação de espécie  
alguma.

Era (nem sei em síntese o que diga) Um velhíssimo instinto atávico,  
era A saudade inconsciente da monera Que havia sido minha mãe  
antiga!

Com o horror tradicional da raiva corsa Minha vontade era, perante a  
cova, Arrancar do meu próprio corpo a prova Da persistência trágica  
da força.

A pragmática má de humanos usos Não compreende que a Morte  
que não dorme É a absorção do movimento enorme Na dispersão dos  
átomos difusos.

Não me incomoda esse último abandono. Se a carne individual hoje  
apodrece, Amanhã, como Cristo, reaparece Na universalidade do car-  
bono!

A vida vem do éter que se condensa, Mas o que mais no Cosmos me  
entusiasma É a esfera microscópica do plasma Fazer a luz do cérebro  
que pensa.

Eu voltarei, cansado da árdua liça, À substância inorgânica primeva,  
De onde, por epigênese, veio Eva E a *stirpe radiolar* chamada *Actissa*!

Quando eu for misturar-me com as violetas Minha lira, maior que a  
*Bíblia* e a *Fedra*, Reviverá, dando emoção à pedra, Na acústica de  
todos os planetas!

## VI

À álgida agulha, agora, alva, a saraiva Caindo, análoga era... Um cão  
agora Punha a atra língua hidrófoba de fora Em contrações miológicas  
de raiva.

Mas, para além, entre oscilantes chamas, Acordavam os bairros da  
luxúria... As prostitutas, doentes de hematúria, Se extenuavam nas  
camas.

Uma, ignóbil, derreada de cansaço, Quase que escangalhada pelo  
vício, Cheirava com prazer no sacrifício A lepra má que lhe roía o  
braço!

E ensanguentava os dedos da mão nívea Com o sentimento gasto e a  
emoção pobre, Nessa alegria bárbara que cobre Os saracoteamentos  
da lascívia...

De certo, a perversão de que era presa O *sensorium* daquela prosti-  
tuta Vinha da adaptação quase absoluta À ambiência microbiana da  
baixeza!

Entanto, virgem fostes, e, quando o éreis, Não tínheis ainda essa erup-  
ção cutânea, Nem tínheis, vítima última da insânia, Duas mamárias  
glândulas estéreis!

Ah! Certamente, não havia ainda Rompido, com violência, no hori-  
zonte, O sol malvado que secou a fonte De vossa castidade agora  
finda!

Talvez tivésseis fome, e as mãos, em balde, Estendestes ao mundo,  
até que, à toa, Fostes vender a virginal coroa Ao primeiro bandido do  
arrabalde.

E estais velha! — De vós o mundo é farto, E hoje, que a sociedade  
vos enxota, Somente as *bruxas* negras da derrota Frequentam diaria-  
mente vosso quarto!

Prometem-vos (quem sabe?!) entre os ciprestes Longe da mancebia  
dos alcouces, Nas quietudes nirvânicas mais doces, O noivado que  
em vida não tivestes!



## VII

Quase todos os lutos conjugados, Como uma associação de monopólio, Lançavam pinceladas pretas de óleo Na arquitetura arcaica dos sobrados.

Dentro da noite funda um braço humano Parecia cavar ao longe um poço Para enterrar minha ilusão de moço, Como a boca de um poço artesiano!

Atabalhoadamente pelos becos, Eu pensava nas coisas que perecem, Desde as musculaturas que apodrecem À ruína vegetal dos lírios secos.

Cismava no propósito funéreo Da mosca debochada que fareja O defunto, no chão frio da igreja, E vai depois levá-lo ao cemitério!

E esfregando as mãos magras, eu, inquieto, Sentia, na craniana caixa tosca, A racionalidade dessa mosca, A consciência terrível desse inseto!

Regougando, porém, *argots* e aljâmias, Como quem nada encontra que o perturbe, A energúmena grei dos ébrios da urbe Festejava seu sábado de infâmias.

A estática fatal das paixões cegas, Rugindo fundamente nos neurônios, Puxava aquele povo de demônios Para a promiscuidade das adegas.

E a ébria turba que escaras sujas masca, À falta idiossincrásica de escrúpulo, Absorvia com gáudio absinto, lúpulo E outras substâncias tóxicas da tasca.

O ar ambiente cheirava a ácido acético, Mas, de repente, com o ar de quem empesta, Apareceu, escorraçando a festa, A mandíbula inchada de um morfético!

Saliências polimórficas vermelhas, Em cujo aspecto o olhar perspicuo prendo, Punham-lhe num destaque horrendo o horrendo Tamanho aberratório das orelhas.

O fácies do morfético assombrava! — Aquilo era uma negra eucaristia, Onde minh'alma inteira surpreendia A Humanidade que se lamentava!

Era todo o meu sonho, assim, inchado, Já podre, que a morfeia miserável Tornava às impressões táteis, palpável, Como se fosse um corpo organizado!

## VIII

Em torno a mim, nesta hora, estriges voam, E o cemitério, em que eu entrei adrede, Dá-me a impressão de um *boulevard* que fede, Pela degradação dos que o povoam.

Quanta gente, roubada à humana coorte, Morre de fome, sobre a palha espessa, Sem ter, como Ugolino, uma cabeça Que possa mastigar na hora da morte;

E nua, após baixar ao caos budista, Vem para aqui, nos braços de um canalha, Porque o madapolão para a mortalha Custa 1\$200 ao lojista!

Que resta das cabeças que pensaram?! E afundado nos sonhos mais nefastos, Ao pegar num milhão de miolos gastos, Todos os meus cabelos se arrepiaram.

Os evolucionismos benfeitores Que por entre os cadáveres caminham, Iguais a irmãs de caridade, vinham Com a podridão dar de comer às flores!

Os defuntos então me ofereciam Com as articulações das mãos inermes, Num prato de hospital, cheio de vermes, Todos os animais que apodreciam!

É possível que o estômago se afoite (Muito embora contra isto a alma se irrite) A cevar o antropófago apetite, Comendo carne humana, à meia-noite!

Com uma ilimitadíssima tristeza, Na impaciência do estômago vazio, Eu devorava aquele bolo frio Feito das podridões da Natureza!

E hirto, a camisa suada, a alma aos arrancos, Vendo passar com as túnicas obscuras, As escaveiradíssimas figuras Das negras desonradas pelos brancos;

Pisando, como quem salta, entre fardos, Nos corpos nus das moças hotentotes Entregues, ao clarão de alguns archotes, À sodomia indigna dos moscardos;

Eu maldizia o deus de mãos nefandas Que, transgredindo a igualitária regra Da Natureza, atira a raça negra Ao contubérnio diário das quitandas!

Na evolução de minha dor grotesca, Eu mendigava aos vermes in-submissos Como indenização dos meus serviços, O benefício de uma cova fresca.

Manhã. E eis-me a absorver a luz de fora, Como o íncola do polo ártico, às vezes, Absorve, após a noite de seis meses, Os raios caloríficos da aurora.

Nunca mais as goteiras caíam Como propositais setas malvadas, No  
frio matador das madrugadas, Por sobre o coração dos que sofriam!

Do meu cérebro à absconsa tábua rasa Vinha a luz restituir o antigo  
crédito, Proporcionando-me o prazer inédito, De quem possui um sol  
dentro de casa.

Era a volúpia fúnebre que os ossos Me inspiravam, trazendo-me ao  
sol claro, À apreensão fisiológica do faro O odor cadaveroso dos des-  
troços!

## **IX**

O inventário do que eu já tinha sido Espantava. Restavam só de Au-  
gusto A forma de um mamífero vetusto E a cerebralidade de um ven-  
cido!

O gênio procriador da espécie eterna Que me fizera, em vez de hi-  
ena ou lagarta, Uma sobrevivência de Sidarta, Dentro da filogênese  
moderna;

E arrancara milhares de existências Do ovário ignóbil de uma fauna  
imunda, la arrastando agora a alma infecunda Na mais triste de todas  
as falências.

Um céu calamitoso de vingança Desagregava, déspota e sem normas,  
O adesionismo biôntico das formas Multiplicadas pela lei da herança!

A ruína vinha horrenda e deletéria Do subsolo infeliz, vinha de dentro  
Da matéria em fusão que ainda há no centro, Para alcançar depois a  
periféria!

Contra a Arte, oh! Morte, em vão teu ódio exerces! Mas, a meu  
ver, os sáxeos prédios tortos Tinham aspectos de edifícios mortos  
Decompondo-se desde os alicerces!

A doença era geral, tudo a extenuar-se Estava. O Espaço abstrato  
que não morre Cansara... O ar que, em colônias fluidas, corre, Parecia  
também desagregar-se!

O pródromos de um tétano medonho Repuxavam-me o rosto... Hirto  
de espanto, Eu sentia nascer-me n'alma, entanto, O começo magní-  
fico de um sonho!

Entre as formas decrépitas do povo, Já batiam por cima dos estragos  
A sensação e os movimentos vagos Da célula inicial de um Cosmos  
novo!

O letargo larvário da cidade Crescia. Igual a um parto, numa furna,  
Vinha da original treva noturna O vagido de uma outra Humanidade!

E eu, com os pés atolados no Nirvana, Acompanhava, com um prazer secreto, A gestação daquele grande feto, Que vinha substituir a Espécie Humana!

## **Asa de corvo**

Asa de corvos carnicheiros, asa De mau agouro que, nos doze meses, Cobre às vezes o espaço e cobre às vezes O telhado de nossa própria casa...

Perseguido por todos os reveses, É meu destino viver junto a essa asa, Como a cinza que vive junto à brasa, Como os Goncourts, como os irmãos siameses!

É com essa asa que eu faço este soneto E a indústria humana faz o pano preto Que as famílias de luto martiriza...

É ainda com essa asa extraordinária Que a Morte — a costureira funerária — Cose para o homem a última camisa!

## **Uma noite no Cairo**

Noite no Egito. O céu claro e profundo Fulgura. A rua é triste. A lua cheia Está sinistra, e sobre a paz do mundo A alma dos Faraós anda e vagueia.

Os mastins negros vão ladrando à lua... O Cairo é de uma formosura arcaica. No ângulo mais recôndito da rua Passa cantando uma mulher hebraica.

O Egito é sempre assim quando anoitece! Às vezes, das pirâmides o quedo E atro perfil, exposto ao luar, parece Uma sombria interjeição de medo!

Como um contraste àqueles misereres, Num quiosque em festa alegre turba grita, E dentro dançam homens e mulheres Numa aglomeração cosmopolita.

Tonto do vinho, um saltimbanco da Ásia, Convulso e roto, no apogeu da fúria, Executando evoluções de *razzia* Solta um brado epilético de injúria!

Em derredor duma ampla mesa preta — Última nota do conúbio infando — Veem-se dez jogadores de roleta Fumando, discutindo, conversando.

Resplandece a celeste superfície. Dorme soturna a natureza sábia...  
Embaixo, na mais próxima planície, Pasta um cavalo esplêndido da  
Arábia.

Vaga no espaço um silfo solitário. Troam *kinnors*! Depois tudo é tran-  
quilo... Apenas como um velho stradivário, Soluça toda a noite a água  
do Nilo!

## O martírio do artista

Arte ingrata! E conquanto, em desalento, A órbita elipsoidal dos olhos  
lhe arda, Busca exteriorizar o pensamento Que em suas fronetais cé-  
lulas guarda!

Tarda-lhe a Ideia! A inspiração lhe tarda! E ei-lo a tremer, rasga o  
papel, violento, Como o soldado que rasgou a farda No desespero do  
último momento!

Tenta chorar e os olhos sente enxutos!... É como o paralítico que, à  
míngua Da própria voz e na que ardente o lavra

Febre de em vão falar, com os dedos brutos Para falar, puxa e repuxa  
a língua, E não lhe vem à boca uma palavra!

## Duas estrofes

*(À memória de João de Deus)*

*Ahi! ciechi! il tanto affaticar che giova? Tutti torniamo alla gran  
madre antica E il nostro nome appena si ritrova.*

Petrarca

A queda do teu lírico arrabil De um sentimento português ignoto Lem-  
bra Lisboa, bela como um brinco, Que um dia no ano trágico de mil E  
setecentos e cinquenta e cinco, Foi abalada por um terremoto!

A água quieta do Tejo te abençoa. Tu representas toda essa Lisboa De  
glórias quase sobrenaturais, Apenas com uma diferença triste, Com  
a diferença que Lisboa existe E tu, amigo, não existes mais!

## O mar, a escada e o homem

"Olha agora, mamífero inferior, À luz da epicurista *ataraxia*, O fracasso  
de tua geografia E do teu escafandro esmiuçador!

Ah! Jamais saberás ser superior, Homem, a mim, conquanto ainda hoje em dia, Com a ampla hélice auxiliar com que outrora ia Voando ao vento o vastíssimo vapor,

Rasgue a água hórrida a nau árdega e singre-me; E a verticalidade da Escada íngreme: "Homem, já transpuseste os meus degraus?!"

E Augusto, o Hércules, o Homem, aos soluços, Ouvindo a Escada e o Mar, caiu de bruços No pandemônio aterrador do Caos!

## **Decadência**

Iguais às linhas perpendiculares Caíram, como cruéis e hórridas hastas, Nas suas 33 vértebras gastas Quase todas as pedras tumulares!

A frialdade dos círculos polares, Em sucessivas atuações nefastas, Penetrara-lhe os próprios neuroplastas, Estragara-lhe os centros medulares!

Como quem quebra o objeto mais querido E começa a apanhar piedosamente Todas as microscópicas partículas,

Ele hoje vê que, após tudo perdido, Só lhe restam agora o último dente E a armação funerária das clavículas!

## ***Ricordanza della mia gioventù***

A minha ama de leite Guilhermina Furtava as moedas que o Doutor me dava. Sinhá-Mocinha, minha Mãe, ralhava... Via naquilo a minha própria ruína!

Minha ama, então, hipócrita, afetava Susceptibilidades de menina: "— Não, não fora ela! —" E maldizia a sina, Que ela absolutamente não furtava.

Vejo, entretanto, agora, em minha cama, Que a mim somente cabe o furto feito... Tu só furtaste a moeda, o ouro que brilha...

Furtaste a moeda só, mas eu, minha ama, Eu furtei mais, porque furtei o peito Que dava leite para a tua filha!

## **A um mascarado**

Rasga essa máscara ótima de seda E atira-a à arca ancestral dos palimpsestos... É noite, e, à noite, a escândalos e incestos É natural que o instinto humano aceda!

Sem que te arranquem da garganta queda A interjeição danada dos protestos, Há de engolir, igual a um porco, os restos Duma comida horivelmente azeda!

A sucessão de hebdômadadas medonhas Reduzirá os mundos que tu sonhas Ao microcosmos do ovo primitivo...

E tu mesmo, após a árdua e atra refrega, Terás somente uma vontade cega E uma tendência obscura de ser vivo!

## **Vozes de um túmulo**

Morri! E a Terra — a mãe comum — o brilho Destes meus olhos apagou!... Assim Tântalo, aos reais convivas, num festim, Serviu as carnes do seu próprio filho!

Por que para este cemitério vim?! Por quê?! Antes da vida o angusto trilho Palmilhasse, do que este que palmilho E que me assombra, porque não tem fim!

No ardor do sonho que o fronema exalta Construí de orgulho ênea pirâmide alta... Hoje, porém, que se desmoronou

A pirâmide real do meu orgulho, Hoje que apenas sou matéria e entulho Tenho consciência de que nada sou!

## **Contrastes**

A antítese do novo e do obsoleto, O Amor e a Paz, o Ódio e a Carnificina, O que o homem ama e o que o homem abomina, Tudo convém para o homem ser completo!

O ângulo obtuso, pois, e o ângulo reto, Uma feição humana e outra divina São como a eximenina e a endimenina Que servem ambas para o mesmo feto!

Eu sei tudo isto mais do que o Eclesiastes! Por justaposição destes contrastes, Junta-se um hemisfério a outro hemisfério,

Às alegrias juntam-se as tristezas, E o carpinteiro que fabrica as mesas Faz também os caixões do cemitério!...

## Gemidos de arte

### I

Esta desilusão que me acabrunha É mais traidora do que o foi Pilatos!... Por causa disto, eu vivo pelos matos, Magro, roendo a substância córnea da unha.

Tenho estremecimentos indecisos E sinto, haurindo o tépido ar sereno, O mesmo assombro que sentiu Parfeno Quando arrancou os olhos de Dionisos!

Em giro e em redemoinho em mim caminham Ríspidas mágoas estranguladoras, Tais quais, nos fortes fulcros, as tesouras Brônzeas, também giram e redemoinham.

Os pães — filhos legítimos dos trigos — Nutrem a geração do Ódio e da Guerra... Os cachorros anônimos da terra São talvez os meus únicos amigos!

Ah! Por que desgraçada contingência À hispida aresta sáxea áspera e abrupta Da rocha brava, numa ininterrupta Adesão, não preendi minha existência?!

Por que Jeová, maior do que Laplace, Não fez cair o túmulo de Plínio Por sobre todo o meu raciocínio Para que eu nunca mais raciocinasse?!

Pois minha Mãe tão cheia assim daqueles Carinhos, com que guarda meus sapatos, Por que me deu consciência dos meus atos Para eu me arrepender de todos eles?!

Quisera, antes, mordendo glabros talos, Nabucodonosor ser no Pau d'Arco, Beber a acre e estagnada água do charco, Dormir na manjedoura com os cavalos!

Mas a carne é que é humana! A alma é divina. Dorme num leito de feridas, goza O lodo, apalpa a úlcera cancerosa, Beija a peçonha, e não se contamina!

Ser homem! escapar de ser aborto! Sair de um ventre inchado que se anoja, Comprar vestidos pretos numa loja E andar de luto pelo pai que é morto!

E por trezentos e sessenta dias Trabalhar e comer! Martírios juntos! Alimentar-se dos irmãos defuntos, Chupar os ossos das alimarias!

Barulho de mandíbulas e abdomens! E vem-me com um desprezo por tudo isto Uma vontade absurda de ser Cristo Para sacrificar-me pelos homens!

Soberano desejo! Soberana Ambição de construir para o homem uma



Região, onde não cuspa língua alguma O óleo rançoso da saliva humana!

Uma região sem nódoas e sem lixos, Subtraída à hediondez de ínfimo casco, Onde a força feroz coma o carrasco E o olho do estuprador se encha de bichos!

Outras constelações e outros espaços Em que, no agudo grau da última crise, O braço do ladrão se paralise E a mão da meretriz caia aos pedaços!

## II

O sol agora é de um fulgor compacto, E eu vou andando, cheio de chamusco, Com a flexibilidade de um molusco, Úmido, pegajoso e untuoso ao tacto!

Reúnam-se em rebelião ardente e acesa Todas as minhas forças emotivas E armem ciladas como cobras vivas Para despedaçar minha tristeza!

O sol de cima espiando a flora moça Arda, fustigue, queime, corte, morda!... Deleito a vista na verdura gorda Que nas hastes delgadas se balouça!

Avisto o vulto das sombrias granjas Perdidas no alto... Nos terrenos baixos, Das laranjeiras eu admiro os cachos E a ampla circunferência das laranjas.

Ladra furiosa a tribo dos podengos. Olhando para as pútridas charnecas Grita o exército avulso das marrecas Na úmida copa dos bambus verdoengos.

Um pássaro alvo artífice da teia De um ninho, salta, no árdego trabalho, De árvore em árvore e de galho em galho, Com a rapidez duma semicolcheia.

Em grandes semicírculos aduncos, Entrançados, pelo ar, largando pelos, Voam à semelhança de cabelos Os chicotes finíssimos dos juncos.

Os ventos vagabundos batem, bolem Nas árvores. O ar cheira. A terra cheira... E a alma dos vegetais rebenta inteira De todos os corpúsculos do pólen.

A câmara nupcial de cada ovário Se abre. No chão coleia a lagartixa. Por toda a parte a seiva bruta esguicha Num extravasamento involuntário.

Eu, depois de morrer, depois de tanta Tristeza, quero, em vez do nome — *Augusto*, Possuir aí o nome dum arbusto Qualquer ou de qualquer obscura planta!

### III

Pelo acidentadíssimo caminho Faísca o sol. Nédios, batendo a cauda, Urram os bois. O céu lembra uma lauda Do mais incorruptível pergaminho.

Uma atmosfera má de incômoda hulha Abafa o ambiente. O aziago ar morto à morte Fede. O ardente calor da areia forte Racha-me os pés como se fosse agulha.

Não sei que subterrânea e atra voz rouca, Por saibros e por cem concavos vales, Como pela avenida das Mappales, Me arrasta à casa do finado *Tôca*!

Todas as tardes a esta casa venho. Aqui, outrora, sem conchego nobre, Viveu, sentiu e amou este homem pobre Que carregava canas para o engenho!

Nos outros tempos e nas outras eras, Quantas flores! Agora, em vez de flores, Os musgos, como exóticos pintores, Pintam caretas verdes nas taperas.

Na bruta dispersão de vítreos cacos, À dura luz do sol resplandecente, Trôpega e antiga, uma parede doente Mostra a cara medonha dos buracos.

O cupim negro broca o âmagô fino Do teto. E traça trombas de elefantes Com as circunvoluções extravagantes Do seu complicadíssimo intestino.

O lodo obscuro trepa-se nas portas. Amontoadas em grossos feixes rijos, As lagartixas dos esconderijos Estão olhando aquelas coisas mortas!

Fico a pensar no Espírito disperso Que unindo a pedra ao *gneiss* e a árvore à criança, Como um anel enorme de aliança, Une todas as coisas do Universo!

E assim pensando, com a cabeça em brasas Ante a fatalidade que me oprime, Julgo ver este Espírito sublime, Chamando-me do sol com as suas asas!

Gosto do sol ignívomo e iracundo Como o réptil gosta quando se molha E na atra escuridão dos ares, olha Melancolicamente para o mundo!

Essa alegria imaterializada, Que por vezes me absorve, é o óbolo obscuro, É o pedaço já podre de pão duro Que o miserável recebeu na estrada!

Não são os cinco mil milhões de francos Que a Alemanha pediu a Jules Favre... É o dinheiro coberto de azinhavre Que o escravo ganha,

trabalhando aos brancos!

Seja este sol meu último consolo; E o espírito infeliz que em mim se encarna Se alegre ao sol, como quem raspa a sarna, Só, com a misericórdia de um tijolo!...

Tudo enfim a mesma órbita percorre E as bocas vão beber o mesmo leite... A lamparina quando falta o azeite Morre, da mesma forma que o homem morre.

Súbito, arrebatando a horrenda calma, Grito, e se grito é para que meu grito Seja a revelação deste Infinito Que eu trago encarcerado na minh'alma!

Sol brasileiro! Queima-me os destroços! Quero assistir, aqui, sem pai que me ame, De pé, à luz da consciência infame, À carbonização dos próprios ossos!

*Pau d'Arco, 4-5-1907*

## **Versos de amor**

*A um poeta erótico*

Parece muito doce aquela cana. Descasco-a, provo-a, chupo-a... ilusão treda! O amor, poeta, é como a cana azeda, A toda a boca que o não prova engana.

Quis saber que era o amor, por experiência, E hoje que, enfim, conheço o seu conteúdo, Pudera eu ter, eu que idolatro o estudo, Todas as ciências menos esta ciência!

Certo, este o amor não é que, em ânsias, amo Mas certo, o egoísta amor este é que acinte Amas, oposto a mim. Por conseguinte Chamas amor aquilo que eu não chamo.

Oposto ideal ao meu ideal conservas. Diverso é, pois, o ponto outro de vista Consoante o qual observo o amor, do egoísta Modo de ver, consoante o qual o observas.

Porque o amor, tal como eu o estou amando, É Espírito, é éter, é substância fluida, É assim como o ar que a gente pega e cuida, Cuida, entretanto, não o estar pegando!

É a transubstanciação de instintos rudes, Imponderabilíssima e impalpável, Que anda acima da carne miserável Como anda a garça acima dos açudes!

Para reproduzir tal sentimento Daqui por diante, atenta a orelha cauta, Como Mársias — o inventor da flauta — Vou inventar também outro

instrumento!

Mas de tal arte e espécie tal fazê-lo Ambiciono, que o idioma em que te eu falo Possam todas as línguas decliná-lo Possam todos os homens compreendê-lo!

Para que, enfim, chegando à última calma Meu podre coração roto não role, Integralmente desfibrado e mole, Como um saco vazio dentro d'alma!

*Pau d'Arco, agosto, 1907*

## Sonetos

### I

#### *A meu pai doente*

Para onde fores, pai, para onde fores, Irei também, trilhando as mesmas ruas... Tu, para amenizar as dores tuas, Eu, para amenizar as minhas dores!

Que coisa triste! O campo tão sem flores, E eu tão sem crença e as árvores tão nuas E tu, gemendo, e o horror de nossas duas Mágoas crescendo e se fazendo horrores!

Magoaram-te, meu pai?! Que mão sombria, Indiferente aos mil tormentos teus De assim magoar-te sem pesar havia?!

— Seria a mão de Deus?! Mas Deus enfim É bom, é justo, e sendo justo, Deus, Deus não havia de magoar-te assim!

### II

#### *A meu pai morto*

Madrugada de Treze de Janeiro. Rezo, sonhando, o ofício da agonia. Meu pai nessa hora junto a mim morria Sem um gemido, assim como um cordeiro!

E eu nem lhe ouvi o alento derradeiro! Quando acordei, cuidei que ele dormia, E disse à minha mãe que me dizia: "Acorda-o"! deixa-o, mãe, dormir primeiro!

E saí para ver a Natureza! Em tudo o mesmo abismo de beleza, Nem uma névoa no estrelado véu...

Mas pareceu-me, entre as estrelas flóreas, Como Elias, num carro azul de glórias, Ver a alma de meu pai subindo ao céu!

### III

Podre meu pai! A morte o olhar lhe vidra. Em seus lábios que os meus lábios osculam Micro-organismos fúnebres pululam Numa fermentação gorda de cidra.

Duras leis as que os homens e a hórrida hidra A uma só lei biológica vinculam, E a marcha das moléculas regulam, Com a invariabilidade da clepsidra!...

Podre meu pai! E a mão que enchi de beijos Roída toda de bichos, como os queijos Sobre a mesa de orgíacos festins!...

Amo meu pai na atômica desordem Entre as bocas necrófagas que o mordem E a terra infecta que lhe cobre os rins!

## Depois da orgia

O prazer que na orgia a hetaíra goza Produz no meu *sensorium* de bacante O efeito de uma túnica brilhante Cobrindo ampla apostema escrofulosa!

Troveja! E anelo ter, sôfrega e ansiosa, O sistema nervoso de um gigante Para sofrer na minha carne estuante A dor da força cósmica furiosa.

Apraz-me, enfim, despindo a última alfaia Que ao comércio dos homens me traz presa, Livre deste cadeado de peçonha,

Semelhante a um cachorro de atalaia Às decomposições da Natureza, Ficar latindo minha dor medonha!

## A árvore da serra

— As árvores, meu filho, não têm alma! E esta árvore me serve de empecilho... É preciso cortá-la, pois, meu filho, Para que eu tenha uma velhice calma!

— Meu pai, por que sua ira não se acalma?! Não vê que em tudo existe o mesmo brilho?! Deus pôs almas nos cedros... no junquilha... Esta árvore, meu pai, possui minh'alma!...

— Disse — e ajoelhou-se, numa rogativa: “Não mate a árvore, pai, para que eu viva!” E quando a árvore, olhando a pátria serra,

Caiu aos golpes do machado bronco, O moço triste se abraçou com o tronco E nunca mais se levantou da terra!

## Vencido

No auge de atordoadora e ávida sanha Leu tudo, desde o mais prístino mito, Por exemplo: o do boi Ápis do Egito Ao velho Niebelungen da Alemanha.

Acometido de uma febre estranha Sem o escândalo fônico de um grito, Mergulhou a cabeça no Infinito, Arrancou os cabelos na montanha!

Desceu depois à gleba mais bastarda, Pondo a áurea insígnia heráldica da farda À vontade do vômito plebeu...

E ao vir-lhe o cuspo diário à boca fria O vencido pensava que cuspia Na célula infeliz de onde nasceu.

*Paraíba, 1909*

## O corrupção

Escaveirado corrupção idiota, Olha a atmosfera livre, o amplo éter belo, E a alga criptógama e a úsnea e o cogumelo, Que do fundo do chão todo o ano brota!

Mas a ânsia de alto voar, de à antiga rota Voar, não tens mais! E pois, preto e amarelo, Pões-te a assobiar, bruto, sem cerebelo A gargalhada da última derrota!

A gaiola aboliu tua vontade. Tu nunca mais verás a liberdade!... Ah! Tu somente ainda és igual a mim.

Continua a comer teu milho alpiste. Foi este mundo que me fez tão triste, Foi a gaiola que te pôs assim!

## Noite de um visionário

Número cento e três. Rua Direita. Eu tinha a sensação de quem se esfola E inopinadamente o corpo atola Numa poça de carne liquefeita!

— “Que esta alucinação tátil não cresça!” — Dizia; e erguia, oh! céu, alto, por ver-vos, Com a rebeldia acérrima dos nervos Minha atormentadíssima cabeça.

É a potencialidade que me eleva Ao grande Deus, e absorve em cada viagem Minh'alma — este sombrio personagem Do drama panteístico da treva!

Depois de dezesseis anos de estudo Generalizações grandes e ousadas Traziam minhas forças concentradas Na compreensão monística

de tudo.

Mas a aguadilha pútrida o ombro inerme Me aspergia, banhava minhas tíbias, E a ela se aliava o ardor das sirtes líbias, Cortando o melanismo da epiderme.

Arimânico gênio destrutivo Desconjuntava minha autônoma alma Esbandalhando essa unidade calma, Que forma a coerência do ser vivo.

E eu saí a tremer com a língua grossa E a volição no cúmulo do exício, Como quem é levado para o hospício Aos trambolhões, num canto de carroça!

Perante o inexorável céu aceso Agregações abióticas espúrias, Como uma cara, recebendo injúrias, Recebiam os cuspos do desprezo.

A essa hora, nas telúricas reservas, O reino mineral americano Dormia, sob os pés do orgulho humano, E a cimalha minúscula das ervas.

E não haver quem, íntegra, lhe entregue, Com os ligamentos glóticos precisos, A liberdade de vingar em risos A angústia milenária que o persegue!

Bulia nos obscuros labirintos Da fértil terra gorda, úmida e fresca, A ínfima fauna abscôndita e grotesca Da família bastarda dos helmintos.

As vegetalidades subalternas Que os serenos noturnos orvalhavam, Pela alta frieza intrínseca, lembravam Toalhas molhadas sobre as minhas pernas.

E no estrume fresquíssimo da gleba Formigavam, com a símplice sarcode, O vibrião, o ancilóstomo, o colpode E outros irmãos legítimos da ameba!

E todas essas formas que Deus lança No Cosmos, me pediam, com o ar horrível, Um pedaço de língua disponível Para a filogenética vingança!

A cidade exalava um podre báfio: Os anúncios das casas de comércio, Mais tristes que as elegias de Propércio, Pareciam talvez meu epitáfio.

O motor teleológico da Vida Parara! Agora, em diástoles de guerra, Vinha do coração quente da terra Um rumor de matéria dissolvida.

A química feroz do cemitério Transformava porções de átomos juntos No óleo malsão que escorre dos defuntos, Com a abundância de um geiser deletério.

Dedos denunciadores escreviam Na lúgubre extensão da rua preta Todo o destino negro do planeta, Onde minhas moléculas sofriam.

Um necrófilo mau forçava as lousas E eu — coetâneo do horrendo cataclismo — Era puxado para aquele abismo No redemoinho universal das cousas!

## **Alucinação à beira-mar**

Um medo de morrer meus pés esfriava. Noite alta. Ante o telúrico recorte, Na diuturna discórdia, a equórea coorte Atordoadoramente ribombava!

Eu, ególatra cético, cismava Em meu destino!... O vento estava forte E aquela matemática da Morte Com os seus números negros, me assombrava!

Mas a alga usufrutuária dos oceanos E os malacopterígios sub-raquianos Que um castigo de espécie emudeceu,

No eterno horror das convulsões marítimas Pareciam também corpos de vítimas Condenadas à Morte, assim como eu!

## **Vandalismo**

Meu coração tem catedrais imensas, Templos de priscas e longínquas datas, Onde um nume de amor, em serenatas, Canta a aleluia virginal das crenças.

Na ogiva fúlgida e nas colunatas Vertem lustrais irradiações intensas Cintilações de lâmpadas suspensas E as ametistas e os florões e as pratas.

Como os velhos Templários medievais Entrei um dia nessas catedrais E nesses templos claros e risonhos...

E erguendo os gládios e brandindo as hastas, No desespero dos iconoclastas Quebrei a imagem dos meus próprios sonhos!

*Pau d'Arco, 1904*

## **Versos íntimos**

Vês! Ninguém assistiu ao formidável Enterro de tua última quimera. Somente a Ingratidão — esta pantera — Foi tua companheira inseparável!



Acostuma-te à lama que te espera! O Homem, que, nesta terra miserável, Mora, entre feras, sente inevitável Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro! O beijo, amigo, é a véspera do escarro, A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga, Apedreja essa mão vil que te afaga, Escarra nessa boca que te beija!

*Pau d'Arco, 1901*

## **Vencedor**

Toma as espadas rútilas, guerreiro, E à rutilância das espadas, toma A adaga de aço, o gládio de aço, e doma Meu coração — estranho carnicheiro!

Não podes?! Chama então presto o primeiro E o mais possante gladiador de Roma. E qual mais pronto, e qual mais presto assoma Nenhum pôde domar o prisioneiro.

Meu coração triunfava nas arenas. Veio depois um domador de hienas E outro mais, e, por fim, veio um atleta,

Vieram todos, por fim; ao todo, uns cem... E não pôde domá-lo enfim ninguém, Que ninguém doma um coração de poeta!

*Pau d'Arco, 1902*

## **A ilha de Cipango**

Estou sozinho! A estrada se desdobra Como uma imensa e rutilante cobra De epiderme finíssima de areia... E por essa finíssima epiderme Eis-me passeando como um grande verme Que, ao sol, em plena podridão, passeia!

A agonia do sol vai ter começo! Caio de joelhos, trêmulo... Ofereço Preces a Deus de amor e de respeito E o Ocaso que nas águas se retrata Nitidamente reproduz, exata, A saudade interior que há no meu peito...

Tenho alucinações de toda a sorte... Impressionado sem cessar com a Morte E sentindo o que um lázaro não sente, Em negras nuanças lúgubres e aziagas Vejo terribilíssimas adagas, Atravessando os ares bruscamente.

Os olhos volto para o céu divino E observo-me pigmeu e pequenino  
Através de minúsculos espelhos. Assim, quem diante duma cordi-  
lheira, Para, entre assombros, pela vez primeira, Sente vontade de  
cair de joelhos!

Soa o rumor fatídico dos ventos, Anunciando desmoronamentos De  
mil lajedos sobre mil lajedos... E ao longe soam trágicos fracassos De  
heróis, partindo e fraturando os braços Nas pontas escarpadas dos  
rochedos!

Mas de repente, num enleio doce, Qual se num sonho arrebatado  
fosse, Na ilha encantada de Cipango tombo, Da qual, no meio, em  
luz perpétua, brilha A árvore da perpétua maravilha, À cuja sombra  
descansou Colombo!

Foi nessa ilha encantada de Cipango, Verde, afetando a forma de um  
losango, Rica, ostentando amplo floral risonho, Que Toscanelli viu seu  
sonho extinto E como sucedeu a Afonso Quinto Foi sobre essa ilha que  
extingui meu sonho!

Lembro-me bem. Nesse maldito dia O gênio singular da Fantasia  
Convidou-me a sorrir para um passeio... Iríamos a um país de eter-  
nas pazes Onde em cada deserto há mil oásis E em cada rocha um  
cristalino veio.

Gozei numa hora séculos de afagos, Banhei-me na água de risonhos  
lagos, E finalmente me cobri de flores... Mas veio o vento que a Des-  
graça espalha E cobriu-me com o pano da mortalha, Que estou co-  
sendo para os meus amores!

Desde então para cá fiquei sombrio! Um penetrante e corrosivo frio  
Anestesiou-me a sensibilidade E a grandes golpes arrancou as raízes  
Que prendiam meus dias infelizes A um sonho antigo de felicidade!

Invoco os Deuses salvadores do erro. A tarde morre. Passa o seu  
enterro!... A luz descreve zigzagues tortos Enviando à terra os der-  
radeiros beijos. Pela estrada feral dois realejos Estão chorando meus  
amores mortos!

E a treva ocupa toda a estrada longa... O Firmamento é uma caverna  
oblonga Em cujo fundo a Via-Láctea existe. E como agora a lua cheia  
brilha! Ilha maldita vinte vezes a ilha Que para todo o sempre me fez  
triste!

*Pau d'Arco, 1904*

## **Mater**

Como a crisálida emergindo do ovo Para que o campo flórido a concentre, Assim, oh! Mãe, sujo de sangue, um novo Ser, entre dores, te emergiu do ventre!

E puseste-lhe, haurindo amplo deleite, No lábio róseo a grande teta farta — Fecunda fonte desse mesmo leite Que amamentou os efebos de Esparta. —

Com que avidez ele essa fonte suga! Ninguém mais com a Beleza está de acordo, Do que essa pequenina sanguessuga, Bebendo a vida no teu seio gordo!

Pois, quanto a mim, sem pretensões, comparo, Essas humanas coisas pequeninas A um *biscuit* de quilate muito raro Exposto aí, à amostra, nas vitrinas.

Mas o ramo fragílido e venusto Que hoje nas débeis gêmulas se esboça, Há de crescer, há de tornar-se arbusto E álamo altivo de ramagem grossa.

Clara, a atmosfera se encherá de aromas, O Sol virá das épocas saudias... E o antigo leão, que te esgotou as pomas, Há de beijar-te as mãos todos os dias!

Quando chegar depois tua velhice Batida pelos bárbaros invernos, Relembrarás chorando o que eu te disse, À sombra dos sicômoros eternos!

*Pau d'Arco, 1905*

## **Poema negro**

*A Santos Neto*

Para iludir minha desgraça, estudo. Intimamente sei que não me iludo. Para onde vou (o mundo inteiro o nota) Nos meus olhares fúnebres, carrego A indiferença estúpida de um cego E o ar indolente de um chinês idiota!

A passagem dos séculos me assombra. Para onde irá correndo minha sombra Nesse cavalo de eletricidade?! Caminho, e a mim pergunto, na vertigem: — Quem sou? Para onde vou? Qual minha origem? E parece-me um sonho a realidade.

Em vão com o grito do meu peito impreco! Dos brados meus ouvindo apenas o eco, Eu torço os braços numa angústia doida E muita vez, à

meia-noite, rio Sinistramente, vendo o verme frio Que há de comer a minha carne toda!

É a Morte — esta carnívora assanhada — Serpente má de língua envenenada Que tudo que acha no caminho, come... — Faminta e atra mulher que, a 1 de Janeiro, Sai para assassinar o mundo inteiro, E o mundo inteiro não lhe mata a fome!

Nesta sombria análise das cousas, Corro. Arranco os cadáveres das lousas E as suas partes podres examino... Mas de repente, ouvindo um grande estrondo, Na podridão daquele embrulho hediondo Reconheço assombrado o meu Destino!

Surpreendo-me, sozinho, numa cova. Então meu desvario se renova... Como que, abrindo todos os jazigos, A Morte, em trajos pretos e amarelos, Levanta contra mim grandes cutelos E as baionetas dos dragões antigos!

E quando vi que aquilo vinha vindo Eu fui caindo como um sol caindo De declínio em declínio; e de declínio Em declínio, com a gula de uma fera, Quis ver o que era, e quando vi o que era, Vi que era pó, vi que era esterquilínio!

Chegou a tua vez, oh! Natureza! Eu desafio agora essa grandeza, Perante a qual meus olhos se extasiavam... Eu desafio, desta cova escura, No histerismo danado da tortura Todos os monstros que os teus peitos criam.

Tu não és minha mãe, velha nefasta! Com o teu chicote frio de madrastra Tu me açoitaste vinte e duas vezes... Por tua causa apodreci nas cruzes, Em que pregas os filhos que produzes Durante os desgraçados nove meses!

Semeadora terrível de defuntos, Contra a agressão dos teus contrastes juntos A besta, que em mim dorme, acorda em berros; Acorda, e após gritar a última injúria, Chocalha os dentes com medonha fúria Como se fosse o atrito de dois ferros!

Pois bem! Chegou minha hora de vingança. Tu mataste o meu tempo de criança E de segunda-feira até domingo, Amarrado no horror de tua rede, Deste-me fogo quando eu tinha sede... Deixa-te estar, canalha, que eu me vingo!

Súbito outra visão negra me espanta! Estou em Roma. É Sexta-feira Santa. A treva invade o obscuro orbe terrestre. No Vaticano, em grupos prosternados, Com as longas fardas rubras, os soldados Guardam o corpo do Divino Mestre.

Como as estalactites da caverna, Cai no silêncio da Cidade Eterna A água da chuva em largos fios grossos... De Jesus Cristo resta unica-

mente Um esqueleto; e a gente, vendo-o, a gente Sente vontade de abraçar-lhe os ossos!

Não há ninguém na estrada da Ripetta. Dentro da igreja de São Pedro, quieta, As luzes funerais arquejam fracas... O vento entoia cânticos de morte. Roma estremece! Além, num rumor forte, Recomeça o barulho das matracas.

A desagregação da minha Ideia Aumenta. Como as chagas da morfeia, O medo, o desalento e o desconforto Paralisam-me os círculos motores. Na Eternidade, os ventos gemedores Estão dizendo que Jesus é morto!

Não! Jesus não morreu! Vive na serra Da Borborema, no ar de minha terra, Na molécula e no átomo... Resume A espiritualidade da matéria E ele é que embala o corpo da miséria E faz da cloaca uma urna de perfume.

Na agonia de tantos pesadelos Uma dor bruta puxa-me os cabelos. Desperto. É tão vazia a minha vida! No pensamento desconexo e falho Trago as cartas confusas de um baralho E um pedaço de cera derretida!

Dorme a casa. O céu dorme. A árvore dorme, Eu, somente eu, com a minha dor enorme Os olhos ensanguento na vigília! E observo, enquanto o horror me corta a fala, O aspecto sepulcral da austera sala E a impassibilidade da mobília.

Meu coração, como um cristal, se quebre; O termômetro negue minha febre, Torne-se gelo o sangue que me abrasa, E eu me converta na cegonha triste Que das ruínas duma casa assiste Ao desmoronamento de outra casa!

Ao terminar este sentido poema Onde vazei a minha dor suprema Tenho os olhos em lágrimas imersos... Rola-me na cabeça o cérebro oco. Porventura, meu Deus, estarei louco?! Daqui por diante não farei mais versos.

*Paraíba, 1906*

## **Eterna mágoa**

O homem por sobre quem caiu a praga Da tristeza do Mundo, o homem que é triste Para todos os séculos existe E nunca mais o seu pesar se apaga!

Não crê em nada, pois nada há que traga Consolo à Mágoa, a que só ele assiste. Quer resistir, e quanto mais resiste Mais se lhe aumenta e se lhe afunda a chaga.

Sabe que sofre, mas o que não sabe É que essa mágoa infinda assim,  
não cabe Na sua vida, é que essa mágoa infinda

Transpõe a vida do seu corpo inerte; E quando esse homem se transforma em verme É essa mágoa que o acompanha ainda!

*Pau d'Arco, 1904*

## **Queixas noturnas**

Quem foi que viu a minha Dor chorando?! Saio. Minh'alma sai agoniada. Andam monstros sombrios pela estrada E pela estrada, entre estes monstros, ando!

Não trago sobre a túnica fingida As insígnias medonhas do infeliz  
Como os falsos mendigos de Paris Na atra rua de Santa Margarida.

O quadro de aflições que me consomem O próprio Pedro Américo não pinta... Para pintá-lo, era preciso a tinta Feita de todos os tormentos do homem!

Como um ladrão sentado numa ponte Espera alguém, armado de arcabuz, Na ânsia incoercível de roubar a luz, Estou à espera de que o Sol desponte!

Bati nas pedras dum tormento rude E a minha mágoa de hoje é tão intensa Que eu penso que a Alegria é uma doença E a Tristeza é minha única saúde.

As minhas roupas, quero até rompê-las! Quero, arrancado das prisões carnavais, Viver na luz dos astros imortais, Abraçado com todas as estrelas!

A Noite vai crescendo apavorante E dentro do meu peito, no combate, A Eternidade esmagadora bate Numa dilatação exorbitante!

E eu luto contra a universal grandeza Na mais terrível desesperação... É a luta, é o prélio enorme, é a rebelião Da criatura contra a natureza!

Para essas lutas uma vida é pouca Inda mesmo que os músculos se esforcem; Os pobres braços do mortal se torcem E o sangue jorra, em coalhos, pela boca.

E muitas vezes a agonia é tanta Que, rolando dos últimos degraus, O Hércules treme e vai tombar no caos De onde seu corpo nunca mais levanta!

É natural que esse Hércules se estorça, E tombe para sempre nessas lutas, Estrangulado pelas rodas brutas Do mecanismo que tiver mais força.

Ah! Por todos os séculos vindouros Há de travar-se essa batalha vã  
Do dia de hoje contra o de amanhã, Igual à luta dos cristãos e mouros!

Sobre histórias de amor o interrogar-me É vão, é inútil, é improfícuo,  
em suma; Não sou capaz de amar mulher alguma Nem há mulher  
talvez capaz de amar-me.

O amor tem favos e tem caldos quentes E ao mesmo tempo que faz  
bem, faz mal; O coração do Poeta é um hospital Onde morreram todos  
os doentes.

Hoje é amargo tudo quanto eu gosto: A bênção matutina que re-  
cebo... E é tudo: o pão que como, a água que bebo, O velho tamarindo  
a que me encosto!

Vou enterrar agora a harpa boêmia Na atra e assombrosa solidão feroz  
Onde não cheguem o eco duma voz E o grito desvairado da blasfêmia!

Que dentro de minh'alma americana Não mais palpita o coração —  
esta arca, Este relógio trágico que marca Todos os atos da tragédia  
humana! —

Seja esta minha queixa derradeira Cantada sobre o túmulo de Orfeu;  
Seja este, enfim, o último canto meu Por esta grande noite brasileira!

Melancolia! Estende-me tu'asa! És a árvore em que devo reclinar-  
me... Se algum dia o Prazer vier procurar-me Dize a este monstro que  
fugi de casa!

*Pau d'Arco, 1906*

## **Insônia**

Noite. Da Mágoa o espírito noctâmbulo Passou de certo por aqui cho-  
rando! Assim, em mágoa, eu também vou passando Sonâmbulo...  
sonâmbulo... sonâmbulo...

Que voz é esta que a gemer concentro No meu ouvido e que do meu  
ouvido Como um bemol e como um sustenido Rola impetuosa por  
meu peito adentro?!

— Por que é que este gemido me acompanha?! Mas dos meus olhos  
no sombrio palco Súbito surge como um catafalco Uma cidade ao  
mapa-múndi estranha.

A dispersão dos sonhos vagos reúno. Desta cidade pelas ruas erra A  
procissão dos Mártires da Terra Desde os Cristãos até Giordano Bruno!

Vejo diante de mim Santa Francisca Que com o cilício as tentações  
suplanta, E invejo o sofrimento desta Santa, Em cujo olhar o Vício

não faísca!

Se eu pudesse ser puro! Se eu pudesse, Depois de embebedado deste vinho, Sair da vida puro como o arminho Que os cabelos dos velhos embranquece!

Por que cumpro o universal ditame?! Pois se eu sabia onde morava o Vício, Por que não evitei o precipício Estrangulando minha carne infame?!

Até que dia o intoxicado aroma Das paixões torpes sorverei contente? E os dias correrão eternamente?! E eu nunca sairei desta Sodoma?!

À proporção que a minha insônia aumenta Hieróglifos e esfinges interrogo... Mas, triunfalmente, nos céus altos, logo Toda a alvorada esplêndida se ostenta.

Vagueio pela Noite decaída... No espaço a luz de Aldebarã e de Argos Vai projetando sobre os campos largos O derradeiro fósforo da Vida.

O Sol, equilibrando-se na esfera, Restitui-me a pureza da hematóse E então uma interior metamorfose Nas minhas arcas cerebrais se opera.

O odor da margarida e da begônia Subitamente me penetra o olfato... Aqui, neste silêncio e neste mato, Respira com vontade a alma campônia!

Grita a satisfação na alma dos bichos. Incensa o ambiente o fumo dos cachimbos. As árvores, as flores, os corimbos, Recordam santos nos seus próprios nichos.

Com o olhar a verde periferia abarco. Estou alegre. Agora, por exemplo, Cercado destas árvores, contemplo As maravilhas reais do meu Pau d'Arco!

Cedo virá, porém, o funerário, Atro dragão da escura noite, hedionda, Em que o Tédio, batendo na alma, estronda Como um grande trovão extraordinário.

Outra vez serei pábulo do susto E terei outra vez de, em mágoa imerso, Sacrificar-me por amor do Verso No meu eterno leito de Pro-custo!

*Pau d'Arco, 1905*

## **Barcarola**

Cantam nautas, choram flautas Pelo mar e pelo mar Uma sereia a cantar Vela o Destino dos nautas.



Espelham-se os esplendores Do céu, em reflexos, nas Águas, fingindo  
cristais Das mais deslumbrantes cores.

Em fulvos filões dourados Cai a luz dos astros por Sobre o marítimo  
horror Como globos estrelados.

Lá onde as rochas se assentam Fulguram como outros sóis Os flamí-  
vomos faróis Que os navegantes orientam.

Vai uma onda, vem outra onda E nesse eterno vaivém Coitadas! não  
acham quem, Quem as esconda, as esconda...

Alegoria tristonha Do que pelo Mundo vai! Se um sonha e se ergue,  
outro cai; Se um cai, outro se ergue e sonha.

Mas desgraçado do pobre Que em meio da Vida cai! Esse não volta,  
esse vai Para o túmulo que o cobre.

Vagueia um poeta num barco. O Céu, de cima, a luzir Como um dia-  
mante de Ofir Imita a curva de um arco.

A Lua — globo de louça — Surgiu, em lúcido véu. Cantam! Os astros  
do Céu Ouçam e a Lua Cheia ouça!

Ouçó do alto a Lua Cheia Que a sereia vai falar... Haja silêncio no mar  
Para se ouvir a sereia.

Que é que ela diz?! Será uma História de amor feliz? Não! O que a  
sereia diz Não é história nenhuma.

É como um réquiem profundo De tristíssimos bemóis... Sua voz é igual  
à voz Das dores todas do mundo!

"Fecha-te nesse medonho Reduto de Maldição, Viajeiro da Extrema-  
unção, Sonhador do último sonho!

Numa redoma ilusória Cercou-te a glória falaz, Mas nunca mais, nunca  
mais Há de cercar-te essa glória!

Nunca mais! Sê, porém, forte. O poeta é como Jesus! Abraça-te à  
tua Cruz E morre, poeta da Morte!"

— E disse e porque isto disse O luar no Céu se apagou... Súbito o barco  
tombou Sem que o poeta o pressentisse!

Vista de luto o Universo E Deus se enlute no Céu! Mais um poeta que  
morreu, Mais um coveiro do Verso!

Cantam nautas, choram flautas Pelo mar e pelo mar Uma sereia a  
cantar Vela o Destino dos nautas!

## Tristezas de umquarto minguante

Quarto minguante! E, embora a lua o aclare, Este *Engenho Pau d'Arco* é muito triste... Nos engenhos da várzea não existe Talvez um outro que se lhe equipare!

Do observatório em que eu estou situado A lua magra, quando a noite cresce, Vista, através do vidro azul, parece Um paralelepípedo quebrado!

O sono esmaga o encéfalo do povo. Tenho 300 quilos no epigastro... Dói-me a cabeça. Agora a cara do astro Lembra a metade de uma casca de ovo.

Diabo! não ser mais tempo de milagre! Para que esta opressão desapareça Vou amarrar um pano na cabeça, Molhar a minha fronte com vinagre.

Aumentam-se-me então os grandes medos. O hemisfério lunar se ergue e se abaixa Num desenvolvimento de borracha, Variando à ação mecânica dos dedos!

Vai-me crescendo a aberração do sonho. Morde-me os nervos o desejo doido De dissolver-me, de enterrar-me todo Naquele semicírculo medonho!

Mas tudo isto é ilusão de minha parte! Quem sabe se não é porque não saio Desde que, 6ª feira, 3 de maio, Eu escrevi os meus Gemidos de Arte?!

A lâmpada a estirar línguas vermelhas Lambe o ar. No bruto horror que me arrebatava, Como um degenerado psicopata Eis-me a contar o número das telhas!

— Uma, duas, três, quatro... E aos tombos, tonta Sinto a cabeça e a conta perco; e, em suma, A conta recomeço, em ânsias: — Uma... Mas novamente eis-me a perder a conta!

Sucede a uma tontura outra tontura. — Estarei morto?! E a esta pergunta estranha Responde a Vida — aquela grande aranha Que anda tecendo a minha desventura! —

A luz do quarto diminuindo o brilho Segue todas as fases de um eclipse... Começo a ver coisas de Apocalipse No triângulo escaleno do ladrilho!

Deito-me enfim. Ponho o chapéu num gancho. Cinco lençóis balançam numa corda, Mas aquilo mortalhas me recorda, E o amontoamento dos lençóis desmancho.

Vêm-me à imaginação sonhos dementes. Acho-me, por exemplo,

numa festa... Tomba uma torre sobre a minha testa, Caem-me de uma só vez todos os dentes!

Então dois ossos roídos me assombraram... — “Porventura haverá quem queira roer-nos?! Os vermes já não querem mais comer-nos E os formigueiros já nos desprezaram”.

Figuras espectrais de bocas tronchas Tornam-me o pesadelo duradouro... Choro e quero beber a água do choro Com as mãos dispostas à feição de conchas.

Tal uma planta aquática submersa, Antegozando as últimas delícias Mergulho as mãos — vis raízes adventícias — No algodão quente de um tapete persa.

Por muito tempo rolo no tapete. Súbito me ergo. A lua é morta. Um frio Cai sobre o meu estômago vazio Como se fosse um copo de sorvete!

A alta frialdade me insensibiliza; O suor me ensopa. Meu tormento é infindo... Minha família ainda está dormindo E eu não posso pedir outra camisa!

Abro a janela. Elevam-se fumaças Do engenho enorme. A luz fulge abundante E em vez do sepulcral Quarto minguante Vi que era o sol batendo nas vidraças.

Pelos respiratórios tênues tubos Dos poros vegetais, no ato da entrega Do mato verde, a terra resfolega Estrumada, feliz, cheia de adubos.

Côncavo, o céu, radiante e estriado, observa A universal criação. Broncos e feios, Vários répteis cortam os campos, cheios Dos tenros tinhorões e da úmida erva.

Babujada por baixos beijos brutos, No húmus feraz, hierática, se ostenta A monarquia da árvore opulenta Que dá aos homens o óbolo dos frutos.

De mim diverso, rígido e de rastos Com a solidez do tegumento sujo Sulca, em diâmetro, o solo um caramujo Naturalmente pelos matapastos.

Entretanto, passei o dia inquieto, A ouvir, nestes bucólicos retiros, Toda a salva fatal de 21 tiros Que festejou os funerais de Hamleto!

Ah! Minha ruína é pior do que a de Tebas! Quisera ser, numa última cobiça, A fatia esponjosa de carniça Que os corvos comem sobre as jurubebas!

Porque, longe do pão com que me nutres Nesta hora, oh! Vida, em que a sofrer me exortas Eu estaria como as bestas mortas Pendurado no bico dos abutres!

*Pau d'Arco, maio 1907*

## **Mistérios de um fósforo**

Pego de um fósforo. Olho-o. Olho-o ainda. Risco-o Depois. E o que depois fica e depois Resta é um ou, por outra, é mais de um, são dois Túmulos dentro de um carvão promíscuo.

Dois são, porque um, certo, é do sonho assíduo Que a individual psique humana tece e O outro é o do sonho altruístico da espécie Que é o *abstractum* dos sonhos do indivíduo!

E exclamo, ébrio, a esvaziar báquicos odres: — "Cinza, síntese má da podridão, Miniatura alegórica do chão, Onde os ventres maternos ficam podres;

Na tua clandestina e erma alma vasta, Onde nenhuma lâmpada se acende, Meu raciocínio sôfrego surpreende Todas as formas da matéria gasta!"

Raciocinar! Aziaga contingência! Ser quadrúpede! Andar de quatro pés É mais do que ser Cristo e ser Moisés Porque é ser animal sem ter consciência!

Bêbedo, os beijos na ânfora ínfima, hartos, Mergulho, e na ínfima ânfora, hartos, sinto O amargor específico do absinto E o cheiro animalíssimo do parto!

E afogo mentalmente os olhos fundos Na amorfia da cítula inicial, De onde, por epigênese geral, Todos os organismos são oriundos.

Presto, irrupto, através ovoide e hialino Vidro, aparece, amorfo e lírido, ante Minha massa encefálica minguante Todo o gênero humano intrauterino!

É o caos da avita víscera avarenta — Mucosa nojentíssima de pus, A nutrir diariamente os fetos nus Pelas vilosidades da placenta! —

Certo, o arquitetural e íntegro aspecto Do mundo o mesmo inda é, que, ora, o que nele Morre, sou eu, sois vós, é todo aquele Que vem de um ventre inchado, ínfimo e infecto!

É a flor dos genealógicos abismos — Zooplasma pequeníssimo e plebeu, De onde o desprotegido homem nasceu Para a fatalidade dos tropismos. —

Depois, é o céu abscondito do Nada, É este ato extraordinário de morrer Que há de, na última hebdômada, atender Ao pedido da célula cansada!

Um dia restará, na terra instável, De minha antropocêntrica matéria  
Numa côncava xícara funérea Uma colher de cinza miserável!

Abro na treva os olhos quase cegos. Que mão sinistra e desgraçada  
encheu Os olhos tristes que meu pai me deu De alfinetes, de agulhas  
e de pregos?!

Pesam sobre o meu corpo oitenta arráteis! Dentro um dínamo dés-  
pota, sozinho, Sob a morfologia de um moinho, Move todos os meus  
nervos vibráteis.

Então, do meu espírito, em segredo, Se escapa, dentre as tenebras,  
muito alto, Na síntese acrobática de um salto, O espectro angulosís-  
simo do Medo!

Em cismas filosóficas me perco E vejo, como nunca outro homem viu,  
Na anfigonia que me produziu Nonilhões de moléculas de esterco.

Vida, mônada vil, cósmico zero, Migalha de albumina semifluida, Que  
fez a boca mística do druida E a língua revoltada de Lutero;

Teus gineceus prolíficos envolvem Cinza fetal!... Basta um fósforo só  
Para mostrar a incógnita de pó, Em que todos os seres se resolvem!

Ah! Maldito o conúbio incestuoso Dessas afinidades eletivas, De onde  
quimicamente tu derivas, Na aclamação simbiótica do gozo!

O enterro de minha última neurona Desfila... E eis-me outro fósforo  
a riscar, E esse acidente químico vulgar Extraordinariamente me im-  
pressiona!

Mas minha crise artrítica não tarda. Adeus! Que eu vejo enfim, com  
a alma vencida, Na abjeção embriológica da vida O futuro de cinza  
que me aguarda!

*Paraíba, 1910*